

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

ROSIANE APARECIDA DOMINGUES BRITO

**A HISTÓRIA DE PEDRO – O CRUEL E INÊS DE CASTRO CONTADA EM
CORDEL: PROPOSTA DIDÁTICA**

ALFENAS/MG

2024

ROSIANE APARECIDA DOMINGUES BRITO

**A HISTÓRIA DE PEDRO – O CRUEL E INÊS DE CASTRO CONTADA EM
CORDEL: PROPOSTA DIDÁTICA**

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Katia Aparecida da Silva Oliveira

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Brito, Rosiane Aparecida Domingues .

A história de Pedro : o cruel e Inês de Castro contada em Cordel /
Rosiane Aparecida Domingues Brito. - Alfenas, MG, 2024.

70 f. : il. -

Orientador(a): Katia Aparecida da Silva Oliveira.

Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de
Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Inês de Castro. 2. Cordel. 3. História. 4. Literatura. 5. Roteiro
didático. I. Oliveira, Katia Aparecida da Silva, orient. II. Título.

ROSIANE APARECIDA DOMINGUES BRITO

A HISTÓRIA DE PEDRO – O CRUEL E INÊS DE CASTRO CONTADA EM CORDEL: PROPOSTA DIDÁTICA

O(A) Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 22 de março de 2024.

Profa. Dra. Katia Aparecida da Silva Oliveira

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Cilene Margarete Pereira

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Adailson José Rui

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)



Documento assinado eletronicamente por **Kátia Aparecida da Silva Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 01/04/2024, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1219937** e o código CRC **D3CFB3EB**.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão a Deus, cuja orientação divina foi a luz que iluminou cada etapa desta jornada acadêmica.

A minha estimada orientadora, Kátia Aparecida Oliveira, agradeço sinceramente por sua dedicação incansável e orientação sábia, fundamentais para o êxito deste trabalho.

Aos meus queridos familiares, meu reconhecimento pelo apoio inabalável e amor constante que tornaram possível superar desafios e alcançar este momento significativo.

Agradeço ainda à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 - por todo o apoio.

RESUMO

Considerando a importância da historiografia inesiana para o povo português e para a literatura, objetivou-se, neste trabalho, reconhecer como a história de Inês de Castro é recontada pelo cordel e como os elementos históricos são abordados na obra de Francisco Maciel da Silveira, *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo* (2015). Além disso, e como objetivo principal, propõe-se um roteiro didático que oriente professores de História do Ensino Médio através de atividades que poderão desenvolver com os estudantes em sala de aula e que seja um veículo para abordagem dos conteúdos de História e Literatura. Inicialmente, faz-se um estudo a respeito do cordel, seu surgimento, características e trajetória até os dias atuais e, posteriormente, compara-se a historiografia de Inês de Castro e Pedro – o Cruel, nas crônicas de Fernão Lopes e de Rui de Pina, verificando como são representados nas crônicas portuguesas nas quais são citados e, enfim, discute-se como sua história é recuperada pelo cordel de Maciel. O roteiro é relevante por propiciar aos professores a possibilidade de trabalhar de forma interdisciplinar, buscando aprofundar os conhecimentos de cada um dos conteúdos envolvidos e, assim, tornar a aprendizagem eficaz e dinâmica para os estudantes, pois são levados a perceber que o conhecimento não é construído de forma isolada, que passado e presente se completam, compondo a sociedade de hoje.

Palavras-chave: Inês de Castro; Cordel; História e Literatura; Roteiro Didático.

RESUMEN

Considerando la importancia de la historiografía inesiana para el pueblo portugués y para la literatura, el objetivo de este trabajo fue reconocer cómo la historia de Inés de Castro es recontada por el cordel y cómo se abordan elementos históricos en la obra de Francisco Maciel da Silveira, *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo* (2015). Además, y como objetivo principal, se propone una guía didáctica que oriente a los docentes de Historia de secundaria con actividades que para desarrollar con los estudiantes en el aula y pueden ayudarlos a abordar contenidos de Historia y Literatura. Inicialmente, fue realizado un estudio sobre el cordel, su surgimiento, características y trayectoria hasta la actualidad y, posteriormente, se comprueba la historiografía de Inês de Castro y Pedro – el Cruel, tal como está representada en las crónicas portuguesas y, posteriormente, se observa cómo su historia es recuperada por el cordel de Maciel. La guía didáctica es relevante por ofrecer a los docentes la posibilidad de trabajar de manera interdisciplinaria, buscando profundizar su conocimiento de cada uno de los contenidos involucrados y, así, convertir el aprendizaje en algo efectivo y dinámico para los estudiantes, ya que les permite percibir que el conocimiento no es construido de forma aislada, el pasado y el presente se complementan, formando la sociedad actual.

Palabras clave: Inês de Castro; Cordel; Historia y Literatura; Guía Docente.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	08
2 PARTE I – OBJETO DE APRENDIZAGEM	10
3 PARTE II – A HISTÓRIA DE PEDRO E INÊS DE CASTRO: HISTÓRIA	
E LITERATURA	44
1 Raízes ibéricas do cordel brasileiro	44
2 Inês de Castro como tema histórico e literário	50
3 Inês de Castro em cordel	62
4 PARTE III	69
1 A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA	69
2 APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO DIDÁTICO	75
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	78

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um roteiro didático aos docentes do ensino de História e Literatura, para trabalhar em sala de aula, de forma interdisciplinar, representações da história de Inês de Castro e Pedro – o Cruel. Para tanto, parte-se da leitura e discussão da obra “*O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo*” (2015), escrita em formato de cordel por Francisco Maciel Silveira.

Objetiva-se, outrossim, comparar como a história de Inês de Castro e Pedro é recontada pelo cordel e como os elementos históricos são abordados. Assim, propor um roteiro didático que oriente professores de História do ensino médio através de atividades que poderão desenvolver com os estudantes em sala de aula e que os auxilie na abordagem dos conteúdos de História e Literatura.

O presente trabalho atende às exigências estruturais fixadas pelas Normas para elaboração do Trabalho Final do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (PPGHI), constituído em três partes, sendo, a primeira, o objeto de aprendizagem em si, a segunda, uma pesquisa científica que originou o OA e, a última, reflexões e problematizações sobre os saberes na área de História Ibérica e o ensino. Este produto educacional oferece uma proposta de uso em sala de aula de modo interdisciplinar para os professores de História do Ensino Médio.

Dessa forma, na primeira parte do trabalho, é apresentado o roteiro didático, no qual tem-se uma breve apresentação da história do cordel, da historiografia de Inês e Pedro e atividades variadas que poderão ser trabalhadas em sala de aula.

A segunda parte do trabalho, dedica-se à contextualização da literatura de cordel, das suas origens ibéricas até sua vinda para o Brasil, ainda colônia, e de como se deu sua expansão pelo território brasileiro. Posteriormente, há o estudo e discussão acerca da historiografia de Inês de Castro e de como essa personagem é retratada nas crônicas portuguesas. Por fim, realiza-se o estudo da obra de Francisco Maciel da Silveira (2015) considerando a representação de Inês e Pedro a partir do ponto de vista historiográfico e literário. Nesse estudo, aborda-se também como a obra reconta essa tão famosa história de amor e vingança e se há convergência ou divergência com as crônicas portuguesas.

Na terceira parte, a partir de investigações acerca das diretrizes nacionais para a educação brasileira e o ensino de história, será apresentada uma discussão na qual se pretende revelar os pressupostos teóricos e didáticos que norteiam o desenvolvimento da temática desenvolvida no roteiro didático.

Em síntese, esse trabalho final de Mestrado Profissional propôs construir um material de apoio para os docentes, a partir do qual o conhecimento será construído de forma complexa, ou seja, rompendo os limites das disciplinas (História e Literatura) e percebendo como elas se completam e complementam, possibilitando que o professor leve o aluno a enxergar uma visão mais abrangente da realidade de mundo do homem que viveu naquela época e do homem de hoje.

2 PARTE I - OBJETO DE APRENDIZAGEM

Esta pesquisa tem como objeto de aprendizagem um roteiro didático que se concentra no uso da obra de Francisco Maciel Silveira (2015) “*O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo*”, escrita em formato de cordel, para ser trabalhado em sala de aula pelos professores de História do Ensino Médio.

Este roteiro didático tem como um de seus objetivos proporcionar, aos professores de História do Ensino Médio, atividades que buscam facilitar e enriquecer o contato dos estudantes com uma história que atravessa séculos. Dessa vez, a narrativa é apresentada em forma de cordel, uma expressão literária que se destaca pela poesia, pelo caráter satírico, pelas características regionais marcantes e pelas ilustrações detalhadas em xilogravuras.

O objetivo do roteiro didático é apresentar uma atividade de História que pode ser trabalhada interdisciplinarmente com a Literatura, Língua Portuguesa e Artes, voltada a uma concepção dinâmica para trabalhar com os alunos do ensino médio. A atividade a ser desenvolvida trata-se de um Júri Simulado, abordando a trágica história de Inês de Castro.

Através da atividade proposta, o professor poderá promover o ensino e a compreensão dos acontecimentos do século XIV, momento em que era vivenciada a Peste Negra e o Reinado de D. Pedro, o “cruel”, permitindo o entendimento de que a história dialoga diretamente com a literatura e podem ser trabalhadas em conjunto.

Essa proposta também permite contribuir com a formação de leitores críticos. De acordo com Lemos e Costa (2023), a leitura proporciona ao estudante inúmeros benefícios, como o desenvolvimento do pensamento crítico, a imaginação, o autoconhecimento, a compreensão da história e da sociedade, entre outros.

[...] a literatura vai além do entretenimento, sendo uma área do conhecimento de grande importância para a formação e o desenvolvimento humano. Isso porque, a partir das situações fictícias que os leitores vivenciam, mas que são inspiradas na realidade, é possível aprender com as experiências e histórias que os autores contam por meio de seus personagens, seja através do realismo cotidiano ou do mundo de fantasias. A literatura tem o poder de fazer com que o aluno pense criticamente sobre sua realidade e aja sobre ela, porque as obras literárias são capazes de causar inquietação ao trazerem à tona problemas que dizem respeito à sociedade em geral (Lemos e Costa, 2023, p. 227).

Toda leitura literária proporciona uma reflexão por parte do leitor, ele se torna capaz de refletir sobre seu cotidiano e a sua condição social, a literatura possibilita aos estudantes a oportunidade de explorar diversas culturas, contribuindo para sua formação como indivíduos críticos. Por isso, é papel da escola em cultivar leitores capazes de apreciar as sutilezas, a estética e a relevâncias das obras literárias. Cabe ao professor provocar essa reflexão,

questionando seus alunos e levando-os a esse pensamento crítico para, então ser capaz de agir sobre sua realidade.

Portanto, considerando os benefícios de aprendizagem que a leitura proporciona, este trabalho busca apresentar uma sugestão didática aos professores das áreas de Literatura e História, para que possam, de forma dinâmica, abordar a história medieval portuguesa em diálogo com a literatura.

O roteiro didático será apresentado a seguir.

ROSIANE APARECIDA DOMINGUES BRITO

**A HISTÓRIA DE PEDRO – O CRUEL E INÊS DE CASTRO CONTADA EM
CORDEL: ROTEIRO DIDÁTICO**

ALFENAS/MG

2024

1 APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO

Caro professor, esse material foi pensado para você e trata-se de um reflexo do estudo sobre a história de Pedro – “o cruel” e Inês de Castro contada em cordel. Este roteiro didático foi desenvolvido através da comparação entre as obras *Os Lusíadas*, com ênfase no canto III, de Camões, as Crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina e a obra *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo* de Francisco Maciel de Silveira. Com ele, você poderá dinamizar suas aulas e torná-las mais atrativas para o estudante do Ensino Médio.

A partir do conteúdo estudado, nasceu a ideia do roteiro didático para ser trabalhado no ensino médio. Este roteiro tem como perspectiva a apresentação da obra de Maciel como ferramenta de trabalho para conhecer, interpretar, analisar e desenvolver habilidades na disciplina de História através da trágica história de Pedro e Inês de Castro.

O objetivo desse roteiro é oferecer uma atividade para ser trabalhada de modo interdisciplinar com a Literatura, fazendo uso conjunto da obra em cordel de Silveira (2015) voltada a uma concepção dinâmica que engloba o conhecimento do conteúdo didático e a participação ativa dos educandos na construção dos saberes.

Importante destacar que o ensino se mantém, por muitas vezes, defasados e sem a participação crítica e ativa dos alunos. Portanto, este roteiro, foi pensado de forma que permita romper essa barreira e buscar a interação e o envolvimento de professores e alunos na construção do ensino-aprendizagem. Este material pode ser reproduzido em sala de aula ou servir como base para novas ideias didáticas.

Conhecer a História é fator preponderante para a imaginação e a construção do conhecimento pois, através dela, o ser humano consegue identificar, analisar e sistematizar as situações históricas. É possível, também, questionar se os fatos acontecidos poderiam ter sido de outra forma, confrontando a realidade com outras possibilidades. Dessa maneira, este roteiro apresenta uma forma criativa para você trabalhar em sala de aula através da interdisciplinaridade entre História e Literatura no ensino médio, enfatizando a história secular de Pedro, o “cruel” e Inês de Castro.

A proposta está dividida em tópicos sendo, o primeiro, uma síntese do roteiro, o segundo, subdividido em um breve resumo do contexto histórico e a história de Pedro e Inês de Castro nas obras literárias, o terceiro, trata-se de uma apresentação do cordel de Francisco Maciel Silveira *O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo* e, por último, o roteiro didático apresentado para os professores de História, de modo interdisciplinar com a

Literatura numa perspectiva dinâmica na qual os estudantes são protagonistas no envolvimento histórico de Inês de Castro e Pedro “o cruel”.

As atividades que compõem este produto educacional são: a leitura do cordel de Maciel, a aproximação entre a disciplina de História e o texto, a realização do Júri Simulado que julgará o assassinato de Inês de Castro, e outras atividades de pesquisa e escrita como a realização de uma comparação da obra de Maciel com as crônicas com intuito de instigar os alunos à pesquisa, integrarem o conteúdo didático e fomentar o posicionamento crítico. Após a culminância do trabalho, você, professor pode elaborar questões acerca do conteúdo didático desenvolvido em sala de aula a fim de concretizar todo o conteúdo ministrado.

Espero que este roteiro seja para você, professor, uma ferramenta de trabalho útil que lhe auxilie no desenvolvimento de atividades interdisciplinares, enfatizando a importância da literatura para o ensino de história, e que este trabalho seja um suporte para levar seus alunos a uma viagem no tempo, conhecendo, através da história de Pedro e Inês de Castro, um pouco mais da história de Portugal na era medieval. Esta ferramenta didática levará seus alunos a uma vivência histórica inesquecível).

2 HISTÓRIA, LITERATURA E INÊS DE CASTRO

2.1 Breve resumo do contexto histórico

Foi durante o reinado de D. Afonso IV (1325-1357) que ocorreu o episódio envolvendo Inês de Castro e D. Pedro. O reinado de Afonso IV foi conturbado, marcado por conflitos e pela devastadora peste negra que assolava a Europa durante a Baixa Idade Média. Vale ressaltar que Afonso IV, filho de D. Dinis, tinha irmãos ilegítimos que eram os favoritos do pai. Isso desencadeou uma disputa de poder entre os meios-irmãos, da qual Afonso IV saiu vitorioso. Além disso, havia constantes ameaças de ocupação islâmica na Península Ibérica e desentendimentos entre Portugal e Castela. A política de casamento entre esses reinos servia como uma estratégia de aliança, assegurando que nem Portugal nem Castela quebrariam acordos políticos e de paz, especialmente diante das contínuas disputas entre eles (KREISCHER, 2015, p. 29).

Com o intuito de fazer cessar os conflitos, por volta de 1339, ambos os reinos firmaram um tratado de paz em Sevilha. Nesse acordo, ficou estabelecido o casamento entre o filho de Afonso IV, D. Pedro, e uma nobre castelhana, D. Constança Manuel, pertencente a uma família influente na corte espanhola. Esse pacto consolidou os delicados vínculos políticos entre Portugal e Espanha (KREISCHER, 2015, p. 29).

Neste contexto nasce a história de Inês de Castro, a dama galega que chegou a Portugal em 1340, acompanhando a infanta D. Constança, estimada pela alteza, Inês foi convidada a ser madrinha do primeiro filho de Pedro, D. Luís, que infelizmente não sobreviveu (1341). De acordo com a tradição, Pedro e Inês se envolveram em um romance, e Afonso IV a mandou para o exílio em Albuquerque. No entanto, isso não impediu que o casal mantivesse seu relacionamento. Inês permaneceu lá até a morte de Constança em 1349, quando Pedro a trouxe de volta e ela passou a viver como sua companheira (KREISCHER, 2015, p. 29).

Kreischer (2015), destaca que Pedro e Inês tiveram quatro filhos, sendo que um deles faleceu prematuramente. Segundo historiadores, isso teria despertado o receio em Afonso IV, um temor na possibilidade de filhos ilegítimos reivindicarem o trono português, algo que ecoava os impasses e disputas anteriores pelo mesmo trono entre D. Afonso IV, filho legítimo de D. Dinis e D. Isabel, e seu meio-irmão, D. Afonso Sanches, predileto do rei, mas nascido fora do casamento. Mais uma vez, D. Afonso se via em conflito contra herdeiros que não eram fruto de uniões matrimoniais oficiais.

Com toda sua ira concentrada em "Castro", em 7 de janeiro de 1355, aproveitando a ausência do príncipe D. Pedro, que tinha o hábito campestre de caçar, o monarca D. Afonso IV, influenciado por seus três nobres conselheiros, decreta a execução de D. Inês de Castro, alegando alta traição à nação e à corte portuguesa. Assim, segundo Almeida (2020), ela foi degolada, um detalhe que indica uma execução em conformidade com os costumes da época, pois essa era a forma honrosa das execuções capitais, reservada aos membros da nobreza.

Na "Crônica de D. Pedro" de Fernão Lopes, encontramos uma obra historiográfica com características distintamente literárias, apresentando relatos "verídicos" sobre as proezas do infante D. Pedro e, sem dúvida, sobre o romance que se tornou histórico. Para Costa (2013), por meio dessa crônica, obtemos uma compreensão da origem do mito de Inês, uma vez que representa o primeiro relato sobre o romance, oferecendo detalhes sobre as principais evidências e ações do apaixonado e impulsivo infante D. Pedro.

Posteriormente, em suas Crônicas, Rui de Pina (1440 -1522) aborda o romance entre o infante D. Pedro e D. Inês de Castro. Contudo, segundo Corradin (2003), desde o século XVI, questiona-se a validade histórica do que é narrado ali, além de acusações de plágio de manuscritos atribuídos a Fernão Lopes recaírem sobre o cronista.

A seguir, você pode acessar o link apresentado para ouvir um áudio criado pela BBC News Brasil que conta a trágica história de amor entre Pedro e Inês Pereira.

Neste vídeo, conta-se a história da dama galega Inês de Castro e do herdeiro do trono de Portugal, D. Pedro. É uma história medieval, com intrigas, assassinato e vingança. É a história de um amor impossível e de seus desdobramentos que geraram uma das mais célebres histórias de amor.

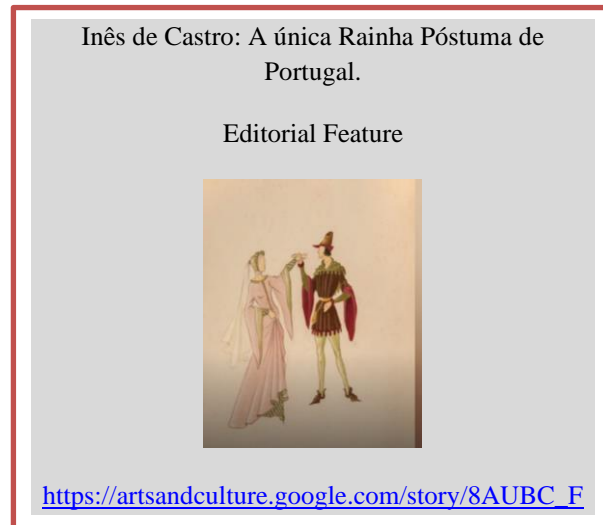
<https://www.youtube.com/watch?v=6v5jFE5-mD0>

Baseado em uma história real ocorrida em Portugal na Idade Média, o mito de Pedro e Inês tem desde um amor juvenil arrebatador até a coroação e um cadáver.

Ouçã áudio de reportagem adaptada de texto de Holly Williams para a BBC Culture.

Inês: a macabra história da rainha cadáver.

<https://www.youtube.com/watch?v=Bv9ryXkfsIY>



“Inês de Castro: A única Rainha de Portugal”, uma página Google Artes e Cultura, narra a história do relacionamento amoroso entre Inês de Castro e o Rei D. Pedro I de Portugal, uma história permeada por mito, paixão e tragédia. Como uma espécie de versão portuguesa da lenda de Romeu e Julieta, com conflitos familiares, amantes exilados e vingança devastadora, o que torna essa história tão poderosa é sua base na realidade. Os dramas fictícios e as tribulações dos amantes de estrela cruzada parecem insignificantes em comparação com a saga desses amantes portugueses. A editora convida você a descobrir por que esse romance era tão proibido e como nossa heroína acabou se tornando a primeira e a última rainha póstuma de Portugal.

2.2 Inês de Castro nas obras literárias

Sabe-se muito pouco sobre Inês de Castro como figura histórica. O que é relatado e o que a literatura consagrou como lírico são elementos da ficção e do imaginário que envolvem esse tema.

Camões, ao retratar Inês sendo assassinada por homens proeminentes, destaca a imagem da mulher vulnerável diante das espadas que atravessam seu pescoço. Esse recurso visa não apenas matar Inês, mas também simbolizar a extinção do amor por Pedro, sendo uma escolha estilística eficaz para enfatizar a crueldade da situação. Inês, considerada infiel aos valores cristãos e também aos islâmicos, denominados infiéis, era vista como uma ameaça que precisava ser eliminada para preservar a integridade do Reino de Portugal.

Inês de Castro foi descrita em diversas obras, contudo, neste trabalho, mencionaremos sobre as crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina, a obra *Os Lusíadas* de Camões e, com

destaque, à obra de Francisco Maciel de Silveira “*O Caso de Pedro e Inês - Ines(quecível) até o fim do mundo*” em formato de cordel.

Você pode encontrar diversas obras que recontam a história de Pedro e Inês de Castro. No quadro abaixo cito duas delas:

<p>Filme: “Inês de Portugal” Diretor: José Carlos de Oliveira</p>	
	<p>Nome da obra: “Inês de Castro na vida de D. Pedro” Autor: Mário Domingues</p>

O filme “Inês de Portugal”, de José Carlos de Oliveira conta que sobre a ardente relação entre Pedro I de Portugal e Inês de Castro, que é abruptamente interrompida pela execução de Inês, resultado de tramas políticas e em prol dos interesses do reino. Profundamente ferido pela perda de seu amor, Pedro embarca em uma busca obstinada por vingança. Ele captura e executa os responsáveis pelo crime, forçando a nobreza a reconhecer Inês como sua legítima esposa e rainha de Portugal.

Na obra “Inês de Castro na vida de D. Pedro”, o autor Mário Domingues, utilizando sua habilidade como romancista histórico, deu uma nova vida aos personagens, sem distorcer os eventos da história, conseguindo explorar aspectos inéditos por meio de uma narrativa envolvente. Ele revive os amores de D. Pedro e D. Inês, oferecendo uma reconstrução psicológica dos personagens. Não se limita a relatar os eventos, mas também a investigar suas causas, em cenas poderosas e descritivas, por vezes impressionantes. Sua obra representa uma poderosa recriação da figura de D. Pedro, destacando o grande amor que o tornou célebre.

2.3 O cordel de Francisco Maciel Silveira

Em 2015, Francisco Maciel Silveira, professor de Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo (USP), lançou um livro em formato de cordel, intitulado "*O Caso de Pedro e Inês - Ines(quecível) até o fim do mundo*" pela Editora Kapulana.

A obra de Maciel trata do romance entre o infante português Pedro e a galega Inês de Castro, mergulhando no amor proibido que deixou um impacto profundo na história e cultura de Portugal, oferecendo uma perspectiva patriarcal sobre a história de Inês. Esse romance ocorreu em meio a uma atmosfera repleta de conflitos pelo poder, destacando-se como um ponto crucial na trajetória política e social da época.

Silveira (2015) relata a história de um amor proibido e adúltero entre Pedro, futuro rei de Portugal, e Inês de Castro, a qual era dama de companhia de sua esposa. Inês é considerada culpada pela traição e vista como uma potencial fonte de conflitos diplomáticos para o trono daquela época, resultando em sua condenação à morte por ordem do rei D. Afonso IV, pai de Pedro. Após a morte do rei, Pedro ascende ao trono. Impulsionado por seu amor e também por uma obsessão, o monarca ordena que Inês de Castro seja desenterrada e coroada rainha. Ao longo da história, repleta de reviravoltas, a mensagem central é clara: o amor é capaz de resistir a tudo, inclusive à morte.

Silveira expõe, no cordel, os eventos, desde o momento em que Pedro avistou a aia de D. Constança pela primeira vez até o cortejo fúnebre que trasladou Inês de Coimbra para Alcobaça, onde foi coroada rainha postumamente.

Foi amor à primeira vista
 Como requer toda paixão
 Que esquecida das leis do mundo,
 Cega e surda a qualquer razão,
 Somente quer ver e ouvir
 Razões do próprio coração (Silveira, 2015).

No entanto, ele abre um parêntese para abordar a aporia que atormenta o Rei Afonso IV, o autor da sentença de morte contra Inês. O rei enfrenta a contradição de suas ações, uma vez que, paradoxalmente, ele afirma que faria tudo para defender a dinastia.

Após a exploração didática da obra de Maciel, nota-se que o autor esteve atento em recontar a história escrita por Camões em detalhes minuciosos, recuperando a história de Inês dois séculos depois, com uma nova perspectiva literária.

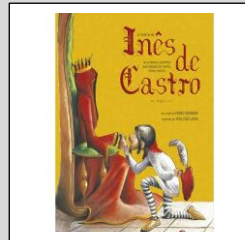
O cordel não foi escrito por um cordelista, mas por um professor acadêmico que tentou ser fiel aos relatos históricos e literários, sendo fiel às crônicas medievais e ao clássico de

Camões, entretanto, a obra de Maciel pode ser utilizada como instrumento de aprendizagem para as aulas de História.

Professor, você poderá realizar mais pesquisas em relação ao tema, mas deixo aqui algumas obras para que você possa se aprofundar no conteúdo e enriquecer a atividade a ser desenvolvida.

Nome da obra: **“A História de Inês de Castro: ou a Dama Lourinha que depois de morta virou rainha”**.

Autor: Fábio Sombra



No canal do Youtube, Portuguiando você encontra um vídeo que apresenta “O amor proibido de Dom Pedro e Inês de Castro: a história completa e o final trágico!

Clique para conhecer!

<https://www.youtube.com/watch?v=TQU3TDBvga4>

A narrativa de Fábio Sombra retrata o desenlace trágico e poético dessa história envolvendo um rei implacável e o amor de um príncipe por uma mulher considerada inadequada. O autor teve contato com essa história durante uma de suas visitas a Portugal, inspirando-se para recontá-la em seu livro.

O caso de Pedro e Inês, intitulado "Inês(quecível) até o fim do mundo," destina-se a leitores que buscam uma abordagem literária menos convencional e, ainda assim, profunda, dos fatos que envolveram essa história de amor e vingança. Nesta obra, o autor brasileiro, conhecido como Chico Maciel, narra a clássica história de amor entre o infante português Pedro e a galega Inês de Castro no formato característico da literatura de cordel. A trama desdobra-se na coroação póstuma de Inês como rainha.



A obra de Maciel foi escrita com base na obra clássica de Camões, porém, a história de Pedro e Inês pode ser encontrada em outras obras como: *Trovas à morte de Inês de Castro*, de Garcia de Resende (1516), *Chronica de El-rei D. Afonso o Quarto de Portugal*, de Rui de Pina e *Crónica de D. Pedro I*, de Fernão Lopes (1385-1459).

De acordo com Santos et al. (2018), o cordel tem sua origem na Península Ibérica. Na Espanha recebia o nome de “pliégos sueltos”, em Portugal de “folhas volantes”. O termo “literatura de cordel” tem suas raízes em Portugal, e sua denominação está relacionada à maneira como os folhetos eram expostos, presos em barbantes. Esses cordéis eram e ainda são comercializados em feiras, bancas, lojas e, mais recentemente, na internet. No entanto, a literatura de cordel possui um gênero literário narrativo, composto por poemas rimados e impressos em papel pardo. Suas principais características incluem linguagem simples, folhetos com poucas páginas, histórias rimadas e capas geralmente ilustradas com xilogravuras. Os cordelistas recitam seus versos em forma de melodia ou declamações empolgadas para convencer a clientela a comprar os folhetos.

Ao longo do século XVI, os folhetos foram introduzidos no Brasil, trazidos nas bagagens dos colonizadores e ganharam intensidade, especialmente no Nordeste, devido às manifestações socioculturais da época, como o cangaço, as secas e o messianismo. Esses eventos impulsionaram uma produção massiva desse tipo de literatura, abordando uma ampla gama de temas relacionados à região.

Para Santos *et al.*, (2018), a literatura de cordel proporciona ao professor a oportunidade de trabalhar de maneira interdisciplinar, permitindo que os alunos não apenas explorem a leitura, mas também se envolvam na construção de poemas, uma vez que a forma característica do cordel envolve rimas e versos. O uso desse material como recurso didático é de extrema importância para estimular os alunos, promovendo a percepção e o desenvolvimento da capacidade criativa, contribuindo de maneira inovadora para o processo de aprendizagem.

Com efeito, o cordel emerge como uma ferramenta inovadora no ensino de História, proporcionando uma maneira de estimular o senso crítico do aluno assim como sua capacidade de observação e interação social, política e histórica por meio dessa manifestação popular. Os folhetos de cordel têm um papel significativo em nos contar sobre nossa formação cultural, revelando aspectos importantes da história.

O quadro abaixo apresenta as principais características do Cordel:

<i>Característica</i>	<i>Descrição</i>
<i>Gênero literário</i>	O cordel é um gênero literário popular da literatura brasileira, tradicionalmente composto por poesias narrativas, geralmente impressas em folhetos.
<i>Versificação</i>	Utiliza-se principalmente da métrica em versos rimados, comumente heptassílabos ou decassílabos, seguindo padrões como a rima ABAB ou AABB.
<i>Temas</i>	Os temas abordados no cordel são variados, incluindo histórias de amor, aventura, crítica social, lendas populares, religiosidade e fatos do cotidiano.
<i>Linguagem</i>	Caracteriza-se por uma linguagem simples e acessível, muitas vezes repleta de regionalismos, com um ritmo cadenciado que facilita a memorização e recitação.
<i>Ilustrações</i>	Os folhetos de cordel frequentemente apresentam ilustrações simples, muitas vezes feitas pelo próprio autor ou por artistas populares, conhecidas como xilogravuras.
<i>Oralidade</i>	Mantém uma forte tradição oral, sendo comum a recitação dos poemas em praças, feiras e eventos culturais, além de sua transmissão de geração em geração.
<i>Influência cultural</i>	Chegou ao nordeste do Brasil trazido pelos colonizadores e se espalhou por todo o país, tornando-se uma expressão marcante da cultura brasileira.

É importante destacar que os textos escritos em cordel são recheados de xilogravuras, que é uma técnica de gravura em relevo que envolve o entalhe de uma imagem em um bloco de madeira. Originária da China, a técnica foi difundida pela Europa durante o Renascimento e chegou ao Brasil, onde se tornou particularmente popular nas regiões Nordeste e Norte.

No Brasil, as xilogravuras ganharam destaque como forma de ilustração em folhetos de cordel, sendo utilizadas para decorar os pequenos livretos que contam histórias populares e poemas narrativos. Essas imagens geralmente são coloridas e apresentam traços marcantes e simples, refletindo a estética popular e folclórica.



Além do cordel, as xilogravuras também foram empregadas em cartazes, capas de livros, panfletos e outros materiais impressos, destacando-se pela sua capacidade de transmitir narrativas visualmente impactantes com recursos limitados. Hoje em dia, as xilogravuras continuam sendo apreciadas como uma forma de arte popular e uma expressão única da cultura brasileira.



Também como apoio, para que você possa se aprofundar ainda mais no assunto, indico a série “Pedro e Inês” de Francisco Moita Flores, que escreveu uma série de ficção histórica dividida em 13 episódios, produzida pela Antinomia para a RTP, em comemoração ao 650.º aniversário da morte de Inês de Castro. As gravações ocorreram na Mata dos Sete Montes, em Tomar, e no Mosteiro de Alcobaça, onde foi recriada a famosa "sala do trono". Na trama, D. Pedro não consegue chegar a tempo de salvar sua amada Inês, que foi morta por três carrascos contratados pelo rei D. Afonso IV.

Também o filme “Pedro e Inês, O amor não descansa”, foi uma colaboração entre Portugal, França e Brasil, é inspirado na história verídica do Rei Dom Pedro I, que exumou sua amante Inês de Castro para torná-la rainha postumamente. A trama narra a história de Pedro e Inês em três períodos distintos (presente, passado e futuro), destacando um amor que transcende as barreiras do tempo. Adaptado do romance "A Trança de Inês", de Rosa Lobato de Faria, o filme eterniza uma das mais famosas histórias de amor portuguesas.

Série: “Pedro e Inês”.

Autoria: Francisco Moita Flores.

Ano: 2005



Filme: **Pedro e Inês, O amor não descansa.**

Ano: 2021

Pandora filmes.



<https://www.pandorafilmes.com.br/filmes/pedro-e-ines-o-amor-nao-descansa/>

3 PROPOSTA DIDÁTICA: O JULGAMENTO DO ASSASSINATO DE INÊS DE CASTRO

3.1 O Júri Simulado como Estratégia Didática

Quando um professor procura melhorar a qualidade de suas aulas, uma das primeiras atitudes que ele assume é modificar sua estratégia de ensino. Por isso, este roteiro oferece a você, docente, uma alternativa para se trabalhar uma construção histórica e social no caso descrito no cordel *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo*, de Francisco Maciel de Silveira.

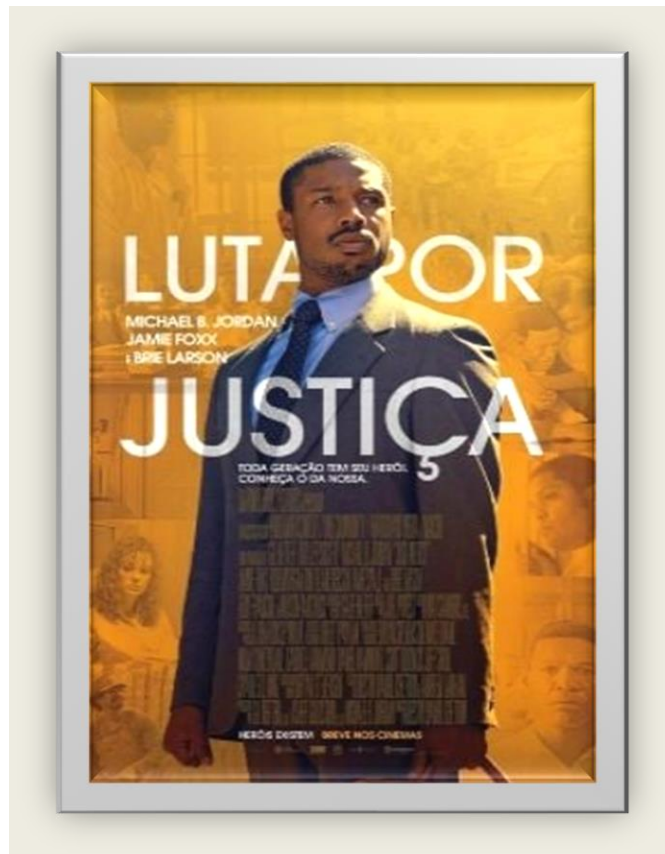
A atividade consiste no desenvolvimento de um “júri simulado” nas aulas de História, mas que será trabalhado de forma interdisciplinar com a aula de Literatura e Língua Portuguesa no decorrer da construção didática.

É importante provocar nos alunos o entendimento do que é um Júri, como ele é feito, em quais casos eles são utilizados. Dessa forma, destaco dois filmes para que você, educador, faça uma introdução ao projeto e provoque em seus alunos mais curiosidade e vontade de colocar em prática esta proposta didática. Vejamos:

O primeiro filme é “O julgamento de Nuremberg” (1945), um filme espetacular, que retrata a forma como se deu a criação do Tribunal e o julgamento mais famoso dos crimes de guerra e contra a dignidade humana cometidos pelos chefes da Alemanha nazista.



O segundo é “Luta por Justiça” (2020), filme estrelado por Michael B. Jordan e Jamie Foxx retrata a verdadeira história de um homem negro inocente que foi condenado à morte pelo assassinato de uma jovem branca de 18 anos. Uma parte crucial dos filmes de tribunal ocorre, naturalmente, dentro da sala do tribunal: o advogado protagonista apresenta sua defesa (geralmente uma defesa) de forma espetacular, deixando o advogado adversário desconcertado e desacreditando as testemunhas da acusação.



Escolha um dos filmes e peça que seus alunos o assistam, o que pode ser feito em casa ou em sala de aula e depois proporcione um tempo para debates e comentários sobre o filme.

Explique que o júri simulado se constitui de um tipo de processo dramático e os alunos desenvolvem papéis hipotéticos, tratando-se basicamente de uma organização que simula o julgamento de uma determinada “causa jurídica”, que neste caso será o julgamento dos assassinos de Inês de Castro.

A estratégia é fazer com que os alunos recontem um outro desfecho da vingança de Pedro, que ao invés de usar a Lei de Talião e mandar matar os assassinos, Pero Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, iriam passar por um julgamento criado pelos alunos do ensino médio.

Portanto, esta proposta foi elaborada para que suas aulas de História se tornem muito mais prazerosas para os alunos do ensino médio e tenho certeza de que este trabalho não vai parar por aqui. Desejo que através do seu trabalho, a história de amor de Pedro e Inês de Castro nunca seja esquecida e continue sendo lembrada e contada através dos tempos, como foi o desejo de D. Pedro, “o cruel”.

Título	O julgamento do assassinato de Inês de Castro.
Objetivo geral	Abordar, de maneira interdisciplinar, a história de Portugal do século XIV a partir do relato do caso de Inês de Castro e Pedro, o Cruel.
Objetivos específicos	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e assimilar a História de Portugal no período do século XIV, - Identificar e compreender a forma de governo da época podendo compará-la com a atual, - Analisar, interpretar e criticar a trágica história de romance entre Pedro e Inês e compreender qual foi o seu impacto para o período medieval. - Ler, interpretar e descrever a história de Pedro e Inês de Castro presente no cordel de Francisco Maciel, - Comparar e distinguir o cordel com a obra de Camões e as Crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina. - Ler, assimilar e diferenciar as linguagens utilizadas pelos autores citados no parágrafo anterior, promover, desenvolver e aprimorar a oralidade e escrita dos educandos.
Justificativa	Considerando a dificuldade em abordar conteúdos relacionados à história medieval na educação, a proposta se justifica, pois, abordará o conteúdo de História de modo didático e interdisciplinar com a Literatura através do cordel de Maciel.
Público-alvo	Professores de História que ministrem aulas no ensino médio.
Áreas de conhecimento envolvidas	Ciências Humanas e Sociais aplicadas.
Tempo sugerido para aplicação	O tempo sugerido é entre 5 e 6 aulas, de acordo com cada sala de aula.
Conteúdos contemplados	<ul style="list-style-type: none"> - Em História: o cenário vivenciado pelos povos no século XIV, o reinado de D. Afonso IV e D. Pedro e a trágica história de Pedro e Inês de Castro e o estudo das crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina. - Em Literatura: o clássico de Camões que é estudado na escola literária denominada Classicismo e o desenvolvimento da oralidade e escrita, o acesso a palavras que eram usadas no período medieval que será alvo de compreensão de como a língua sofre mudanças no decorrer do tempo.

	- Em Língua Portuguesa: produção de texto e gêneros textuais utilizados no meio jurídico.
Recursos necessários	Lousa, pincel, caderno, lápis, caneta, livro didático, slides, computador, Datashow, caixas de som, vídeos, filmes e obras literárias.
Turmas aplicadas:	1º ano do Ensino Médio
Divisão por hora aula (50 minutos)	1ª aula – Apresentação do conteúdo didático e da obra para ser realizada a leitura. 2ª aula – A realização da leitura da obra <i>O caso de Pedro e Inês – Inês(quecível) até o fim do mundo</i> . 3ª aula - A explicação do professor contextualizando o material didático de História com o cordel. 4ª aula – A divisão dos grupos e a apresentação das funções de cada aluno, conforme descrito no tópico seguinte: “Descrição das funções de cada grupo:” 5ª aula – A culminância do trabalho, a realização do julgamento dos assassinos de Inês de Castro.
Descrição das funções de cada grupo:	Promotoria: (3 alunos) – apresentar argumentos contra os réus e pugnam pela condenação. Defensoria: (3 alunos) – Apresentar argumentos que possuem um intuito de absolver os réus. Testemunhas da defesa (2 alunos) – auxiliar a defesa através de seus depoimentos. Testemunhas da acusação (2 alunos) - auxiliar a acusação através de seus depoimentos. Jurados: (15 alunos e que destes, 7 serão escolhidos para bancada dos jurados): Escrivão e oficial de justiça: (2 alunos) – secretaria do julgamento e se encarrega de convidar as pessoas a serem ouvidas. Assessor: (1 aluno ou o professor) – que se encarregará de organizar o ambiente e os equipamentos para o julgamento.
Etapas a serem cumpridas na culminância:	1ª Introdução e organização dos grupos para iniciar o julgamento. 2ª Apresentação do caso; apresentação da acusação, da defesa e das testemunhas. 3ª Julgamento e debate Acusação X Defesa. 4ª Arguição dos jurados e conclusão do júri. 5ª A avaliação final da atividade.
Avaliação	- Criação de um dossiê que será material para exposição e para ser utilizado como fonte de provas no Júri Simulado, - A realização do Júri Simulado com intuito de instigar os alunos à pesquisa, à integração do conteúdo didático e fomentar o posicionamento crítico. Após

	a culminância do trabalho, você, professor, poderá propor, também, uma auto avaliação dos estudantes, fazendo com que eles próprios comentem sobre sua aprendizagem em relação ao conteúdo ministrado.
Resultados esperados	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender e consolidar os conhecimentos adquiridos no ensino de História e relacionar a sua importância para a formação dos sujeitos históricos, - Compreender a importância do ensino interdisciplinar, - Assimilar o contexto histórico de Portugal e a história de Pedro e Inês de Castro através do cordel de Maciel e das crônicas apresentadas. - Compreender a importância da escrita através dos tempos.

3.2 Passo a passo na sala de aula

3.2.1 Primeira aula

Professor, apresente para seus alunos como era Portugal no período medieval, contextualizando a vida da população portuguesa naquele período e destacando os principais acontecimentos, como a Peste Negra, o Reinado de D. Afonso IV e D. Pedro I, além da história do trágico romance entre D. Pedro, conhecido como "o cruel", e Inês de Castro.

Promova uma discussão com seus estudantes sobre quais obras literárias dos períodos mencionados abordam a história de Pedro e Inês, explore o que são as crônicas, quem são os cronistas e o que elas representam. Além disso, destaque a relevância do registro histórico e como esses relatos eram produzidos, oferecendo uma compreensão mais profunda sobre o contexto histórico e cultural envolvido.

Atividade: Faça a divisão da turma em três grandes grupos e peça que cada grupo faça a leitura de uma obra, a Crônicas de Fernão Lopes, a crônica de Rui de Pina e Os Lusíadas, você pode dar início às leituras na sala de aula, caso haja tempo, se não, peça que façam a leitura em casa. Peça que os alunos escrevam o que eles entenderam, o que não entenderam e um pequeno resumo das obras para que possam explicar em sala de aula.

Espera-se, nessa aula, que os alunos compreendam a importância do registro histórico e conheçam as obras que servirão como base às pesquisas para o julgamento.

3.2.2 Segunda aula

Primeiramente, retome as obras que você pediu que os alunos fizessem a leitura, faça os questionamentos do que entenderam, do que não entenderam e o que eles gostaram nas obras, pergunte se as obras relatam as mesmas situações sobre o romance de D. Pedro e Inês de Castro.

Após a explicação e debate entre os alunos, explique o que é o cordel, use outros cordéis para a explicação, compare, fale das xilogravuras, das características do gênero e, finalmente, apresente a obra *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo*, de Francisco Maciel Silveira (2015), promova um ambiente propício e acolhedor para fazer a leitura da obra com seus alunos.

Atividade: Realizar a leitura em cordel.

Nessa aula, espera-se que os alunos interajam com a obra de Silveira e já comecem formar sua opinião a respeito do assassinato de Inês.

3.2.3 Terceira aula

Após a leitura da obra de Maciel, esclareça as dúvidas e provoque nos alunos a realização de comparações dos acontecimentos descritos no texto com as obras anteriormente lidas e com os dias atuais. Questione-os a respeito de como seria a história de Pedro e Inês se acontecesse hoje?

Contextualize o conteúdo didático da disciplina de História com a obra em cordel. Provoque nos alunos a participação ativa, fazendo perguntas como: como eram as personagens Inês de Castro e D. Pedro, como se relacionavam com as demais personagens? Como Inês e Pedro são retratados nas crônicas? Quais foram as partes do texto que te provocaram perplexidade, alegria ou tristeza? Se você fosse um escritor como você descreveria Inês de Castro?

Discuta com os alunos sobre como as mulheres eram tratadas naquele período e porque Silveira aponta Inês como a responsável pela traição.

Professor, você pode fazer os seguintes questionamentos:

Por que Silveira aduz que Inês é culpada pela traição de Pedro? Nos dias atuais as mulheres são vistas como culpadas por traições? Por quê? As pessoas criticam como as mulheres se vestem, como elas se produzem para sair de casa? Qual a sua opinião sobre o amor de Inês, você considera como um amor verdadeiro ou era apenas interesse político?

Atividade: Realizar a comparação das crônicas com o texto de Camões e com o cordel. Sugiro que seja em grupo e que cada grupo apresente suas considerações.

Sugiro que apresente aos alunos um material que contextualize a mulher na idade média. Você poderá solicitar uma pesquisa no laboratório de informática ou em casa. O link abaixo expõe fatos importantes sobre a vida das mulheres nesse período:

<https://www.suapesquisa.com/idademedia/mulheres.htm>

Assim, os estudantes deverão ser capazes de debater e comparar o papel da mulher na sociedade medieval e nos dias de hoje.

3.2.4 Quarta aula

Apresente aos alunos outros materiais para aprofundamento no assunto trabalhado, textos, áudios, vídeos e outras obras que descrevem a história trágica de Pedro e Inês, aproveite os listados no tópico anterior.

Após as leituras realizadas e contextualizadas, você descreverá como será a culminância de todo trabalho realizado, ou seja, a apresentação do Júri Simulado. Deverá separar os grupos e apresentar as funções que cada aluno deve realizar (tópico anterior) evitando deixar alunos fora da atividade. Coloque todos para pesquisar.

Avaliação: Solicite que os alunos construam um dossiê, juntando imagens, partes do texto em cordel, sobre a história de Pedro e Inês que será fonte de provas para a promotoria e defensoria, acusar e defender os assassinos de Inês. Este dossiê pode ser em formato de portfólio, acrescentando as informações mais relevantes para que os jurados entendam sobre o assunto, é interessante que as informações respeitem uma cronologia. Após a construção do dossiê, realize uma exposição na escola com os materiais coletados.

Explique para seus alunos sobre a linguagem utilizada em materiais jurídicos, como eles devem ser feitos, aponte que a acusação deve desenvolver uma denúncia e a defesa elaborar uma defesa técnica, ou seja, uma resposta à acusação, respeitando uma linguagem formal.

Nesse momento, seus alunos deverão compreender como deve ser um júri simulado e se organizar para sua realização.

3.2.5 Quinta aula

A culminância do Júri, inicie colocando cada envolvido em seu devido lugar e delimite o tempo que cada um tem para testemunhar, acusar, defender e julgar o caso jurídico.

Peça que os alunos façam a leitura da denúncia e da defesa técnica, dando início à sessão do Júri.

Após o debate, colha os resultados dos jurados analisando se eles vão condenar ou absolver os réus.

Nessa aula, espera-se que os estudantes consigam simular o julgamento dos assassinos de Inês de Castro.

3.2.6 Sexta aula

Nesta aula, você, professor, requisite que os alunos rememorem a apresentação, questione sobre suas experiências, promova uma auto-avaliação: se fizesse novamente o júri simulado, o que eles mudariam ou acrescentariam? Pergunte sobre suas experiências e o que trouxe de aprendizado. Questione sobre a história de Pedro e Inês, verifique se o aprendizado foi sistematizado. Para isso, utilize os critérios de avaliação descritos no item 3.3.

Sugestão de Leitura:

D. Pedro e D. Inês de Castro.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

<https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/d-pedro-e-d-ines-de-castro/>

Sugestão de Leitura:

A trágica história de amor de Pedro e Inês de Castro, a rainha morta.

Luiza Antunes, 2015.

<https://www.360meridianos.com/especial/pedro-e-ines-de-castro>

3.2 Pedro e Inês nas crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina

A história contada em alguns registros, como nas crônicas de Fernão Lopes (século XIV) e Rui Pina (século XV), mostram que Pedro apaixonou-se por Inês de Castro e os encontros entre eles eram frequentes, iniciando-se assim um grande romance. D. Constança, ciente de tudo, vivia a lamentar a triste sorte.

Em *Crônica de D. Pedro I*, Fernão Lopes relata os problemas envolvendo os reinos português e castelhano, cria uma imagem de monarca justo e coerente e que exercia o papel de juiz, o que lhe deu a alcunha “o Cru”.

E se a Escriptura affirma que, por o rei não fazer justiça, vem as tempestades e tribulações sobre o povo, não se póde assim dizer d’este, cá não achamos, em quanto reinou, que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra guisa, nem lh’a mudasse em tal pena por que pudesse escapar a vida. (Fernão Lopes, 1895, p. 15)

Na Crônica escrita por Fernão Lopes, encontramos vários relatos nos quais D. Pedro é retratado como justiceiro e juiz e de como administrava as penas aos criminosos, como no caso em que manda degolar dois de seus criados que roubaram e mataram um judeu (p. 31), e sobre como puniu um bispo que dormira com uma mulher casada (p. 34), além de outros casos citados no capítulo IX. Quanto ao amor de D. Pedro por Inês, o cronista afirma que o caso entre eles era de conhecimento público e, por ser comum os reis terem amantes, esse romance era tolerado.

O cronista esclarece que, devido à insegurança interna e externa dos reinos português e castelhano na primeira metade do século XIV, o romance sofreu consequências, pois Pedro, ao aproximar-se de Inês, envolve-se também com os irmãos dela, Álvaro Peres de Castro e Fernando Peres de Castro, ambos envolvidos em conflitos contra o rei de Castela. Segundo Fernão Lopes, os irmãos teriam incentivado Pedro a tentar tomar a coroa castelhana derrotando o monarca desse reino.

Essa influência dos irmãos de Inês sobre D. Pedro e o fato de eles terem tido três filhos teria preocupado o monarca, pois os filhos ilegítimos poderiam ser um risco para Fernando, seu neto legítimo. D. Afonso IV, incentivado por seus conselheiros, decide assassinar Inês de Castro, o que provoca a ira do Infante Pedro: “Já tendes ouvido compridamente, onde falamos da morte de D. Ignês, a razão por que a el-rei, Dom Affonso matou, e o grande desvairo que entre elle e este rei Dom Pedro, sendo então infante, houve por este aso”. (Lopes, 1895, p. 115)

Na crônica de Fernão Lopes há o relato de como D. Pedro negou a seu pai a intenção de se casar com Inês e, após assumir o trono, afirmou ter se casado com ela, apesar de dizer não se lembrar de quando tal casamento tenha ocorrido, mas apresenta testemunhas do fato.

... antes dizem que muitas vezes lhe enviava el-rei Dom Affonso perguntar se a recebera, e honra-la-ia como sua mulher, e elle respondia sempre que a não recebera, nem o era. (Lopes, 1895, p. 109).

... fez el-rei chamar um tabellião, e presentes todos, jurou aos Evangelhos, ..., que sendo elle infante, vivendo ainda el-rei, seu padre, que estando elle em Bragança, podia haver uns sete annos, pouco mais ou menos, não se accordando do dia e mez,

que elle recebera por sua mulher lidima, por palavras de presente, como manda a santa igreja, Dona Ignês de Castro... (Lopes, 1895, p. 110).

O cronista segue seu relato afirmando que D. Pedro, por medo do que seu pai pudesse fazer, não contara antes sobre o casamento, mas a fim de satisfazer sua consciência, contava a verdade nesse momento. Sobre o reconhecimento tardio do casamento, podemos nos questionar se Inês poderia ter sido reconhecida como rainha caso essa revelação não tivesse acontecido.

Outro cronista que faz referência ao caso de amor entre Pedro e Inês é Rui de Pina. Ele era considerado um homem da Guarda, que viveu entre, aproximadamente, 1440 e 1522. Foi escrivão e diplomata de D. João II, além de cronista-mor do reino. Também ocupou os cargos de guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria Real desde 1497 até sua morte. Dentre sua vasta obra cronística, escreveu seis crônicas relacionadas aos reis D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV, nas quais ele teria trabalhado a partir de 1514.

Em sua crônica, *Crônica del Rey D. Afonso IV*, Rui de Pina discorre, a partir do capítulo VIII, como foi combinado o casamento de D. Pedro e D. Constança e quais os acordos e vantagens para cada uma das cortes. O relato do casamento dos noivos ocorre no capítulo XIX: “...ano de Cristo de mil e trezentos e trinta e seis, na sua villa de Castrillo, firmarão o contrato do dito casamento com todaslas clauzulas, e condições...” (PINA, 1936, p.59)

Pina relata os nomes dos filhos dos filhos que D. Pedro teve com D. Constança e do papel de Inês de Castro nessa ocasião.

O infante Dom Pedro filho primogênito erdeyro de ell Rei Dom Affonso de Portugal, foy cazado com a Infãta Dona Constança Manoel, como atrás he declarado, e dela em vida de elRey Dom Affonso seu pay, ouve dous filhos, e huma filha a saber, o Infante Dom Luis, que foi o primeyro, e este em moço faleceo aos baptismo, do qual Dona Ines Pires de Castro foy comadre, de elRey Dom Pedro sendo infante, e da infãta Dona Constança, e isto se fez por quanto esta Dona Ines andava em casa da dita Infãta por sua donzella, e parenta e sentiasse já que o Infante Dom Pedro lhe queria bem, e por se evitar antre elles outra afeiçam, mas o Infante Dom Pedro, sem embargo disto, a teve depois, e ouve della os filhos que a diante faz mensam, e por escuza deste peccado, se dizia que a dita Dona Ines fora forçada ao dito baptismo, e em sua vontade quanto a Deos, nam consentia nelle[...] (PINA, 1936, P. 159).

É fácil percebermos nesse trecho da crônica que o romance que se iniciava entre Pedro e Inês não era visto com bons olhos desde o início e, para evitar que se tornasse concreto, obrigaram Inês a ser madrinha de batismo do filho primogênito de D. Pedro. Esta foi a primeira menção que Rui de Pina fez a Inês de Castro.

E pera mais declaração da geração desta Dona Inês de Castro, que depois de sua morte foy avida, e sepultada por Raynha de Portugal...

E da dita Dona Ines de Castro sua irmã ouve elRey Dom Pedro de Portugal sendo Infante os três filhos, e huma filha os quais senão chamaram Infantes, salvo três anos depois que elRey Dom Pedro seu pay reynou, quando em Coimbra declarou, e fez certo por testemunhas que muytos não aprovavam, que depois do falecimento da Infanta Dona Constança, elle recebera logo por sua molher por palavras de prezete a dita Dona Ines e a causa da duvida que a isso puzeram, foy que nam fez esta declaração loguo como reynou, mas dahi a três annos, e porem elle a este tempo, amandou dahi em diante chamar, e intitular Rainha de Portugal... (PINA, 1936, P.188).

A dúvida levantada por Rui de Pina é por qual motivo Pedro não disse que se casara com Inês logo ao assumir o trono, por que esperou três anos para se declarar? Na crônica, Rui de Pina também esclarece que D. Afonso questionava o filho a respeito de um possível casamento com Inês e, assim como na crônica de Fernão Lopes, D. Pedro nega a possibilidade desse casamento.

Fernão Lopes, ao escrever sua crônica, não questiona os motivos que levaram D. Pedro a não se casar publicamente com Inês enquanto ela ainda era viva, mas Rui de Pina levanta a questão, pois, segundo ele, seria uma forma para que Inês tivesse o tratamento honrado que merecia. Pina vai além das considerações e discorre, ainda, sobre quais poderiam ser os motivos de D. Pedro para não se casar com Inês e cita duas possibilidades: a primeira refere-se ao fato de Inês não ser filha legítima de Dom Pedro de Castro e a segunda possibilidade credita aos irmãos de Inês serem grandes senhores em Castela e ao medo de que esses dois irmãos pudessem tentar assassinar D. Fernando, primogênito de D. Pedro, para que um dos filhos de Inês subisse ao trono.

Ainda nos debruçando sobre o episódio do casamento de D. Pedro e D. Inês, Fernão Lopes e Rui de Pina citam detalhes diferentes desse momento da história, mas que podem se complementar. Fernão Lopes cita vários nomes de pessoas que estavam presentes no momento em que D. Pedro declarou ter se casado com Inês, apesar de afirmar não se lembrar nem do dia nem do mês do casamento. Além disso, discorre sobre as suspeitas que a afirmação causou em todo o povo. Rui de Pina, ao contrário, limita-se a dizer que D. Pedro declarou ter se casado com Inês e comenta suas suspeitas, como dito anteriormente.

Para o cronista Rui de Pina, o rei, ao encontrar-se com Inês, que suplicava pela vida ao lado dos três filhos, apiedou-se e queria perdoá-la, mas seus conselheiros exigiram que a sentença fosse cumprida: “[...] trouxe ante si os três inocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, e com tantas lágrimas, e com palavras *assi piedozas pedio misericórdia* [...]” (Pina, 1936, p. 196).

Fernão Lopes, assim como Rui de Pina, cita algumas desavenças que D. Pedro teve com seu pai após a morte de Inês, pois o Rei, D. Afonso, não concordava com que D. Pedro vingasse

a morte de Inês, cita também o cortejo funesto que acompanhou o corpo da dama até o mosteiro Alcobaça.

Rui de Pina narra sucintamente o traslado do corpo de Inês do Mosteiro de Santa Clara para Alcobaça e não cita muitos detalhes dos fatos acontecidos nesse momento, mas afirma, assim como Fernão Lopes, que D. Pedro mandou construir dois túmulos: um para o corpo de Inês e outro para si próprio. Os dois cronistas concordam que, com esse gesto, D. Pedro fazia com que Inês fosse reconhecida como rainha de Portugal.

Lopes menciona, em sua obra, o motivo da morte de Inês de Castro, a hipótese de seu casamento com o infante e à posterior vingança de D. Pedro, a transferência do túmulo para o mosteiro de Alcobaça e o suntuoso túmulo que o monarca manda construir.

Nos relatos de Lopes (2007, p. 09), Inês não tem voz ativa, não tem nenhuma fala e não desempenha papel algum. Apesar disso, o cronista credita à Inês o perfil de homem apaixonado de D. Pedro: “Esse rei nom quis mais casar depois da morte de Donna Enes em seendo iffante, nem depois que reinou lhe prouve receber molher, mas ouve amigas com que dormio(...)”.

Em um trecho da crônica, Fernão Lopes deixa clara sua visão a respeito do amor de D. Pedro I por Inês de Castro e a desaprovação que ele próprio (Fernão Lopes) sente ao relatar a vingança que o monarca português realiza contra os assassinos de sua amada, pois não concordava com a troca de prisioneiros nem com o fato de o monarca castelhano ter entregado Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, ex-conselheiros de Afonso IV, ao rei português.

Após assumir o trono, de acordo com as crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina, D. Pedro parte para sua vingança e, tendo conseguido capturar os assassinos de Inês, teria mandado arrancar o coração de um deles pelo peito e, de outro, pelas costas: “*A maneira de sua morte (...) seria mui estranha e crua de comtar.*” (Lopes, 1895, p. 127).

Neto (2021, p. 46) afirma que era interessante para a coroa real portuguesa que Inês fosse considerada como uma usurpadora. Assim, os portugueses podiam sentir-se livres da possível influência dos irmãos de Inês e, conseqüentemente, da coroa espanhola. Portanto, pode-se compreender que as crônicas as quais buscavam exaltar as ações do rei, pai de D. Pedro, tinham como objetivo justificar a execução da dama.

De facto, Inês de Castro é uma figura que só chegou até nós em atitudes passivas: foi trazida no séquito de uma princesa, foi exilada por um rei, mandada regressar por um príncipe e por ele aposentada sucessivamente em diversas povoações, onde a tradição quase nada fixou, até ser morta por razão de uma vaga desconfiança política que a argumentação histórica muitas vezes tem posto em causa. (Lima, Arruda, 2021, p. 7)

Como se vê, a argumentação histórica discute os registros que se tinha de Inês de Castro. As narrativas, crônicas e contos da época deixam dúvidas sobre a vida e morte de Inês de Castro e outros fatos que se seguiram. Portanto, o passado passa a ser visto como algo mutável a partir dos olhos do presente.

Síntese da comparação entre as crônicas:

Crônica	Chronica de D. Pedro I	Chronica de El Rey Dom Afonso o Quarto
Autor	Fernão Lopes (séc. XIV)	Rui de Pina (séc. XV)
Relação com Inês de Castro	Pedro apaixonou-se por Inês e o romance é tolerado publicamente.	Romance visto com maus olhos, Inês torna-se madrinha do filho de Pedro para evitar um possível casamento no futuro.
Imagem de D. Pedro	Justo e coerente, apelidado “o Cru” por suas ações severas como juiz. Não questiona os motivos pelos quais D. Pedro não se casou publicamente com Inês.	Questiona por que Pedro não casou publicamente com Inês, sugerindo que ela merecia um tratamento honrado.
Administração da Justiça	Relata a administração de penas severas, como a execução de criados e punição de um bispo.	Não menciona especificamente a administração da justiça por Pedro.
Consequências do romance	O envolvimento com os irmãos de Inês leva a conflitos com Castela.	Levanta hipóteses sobre a não realização do casamento público com Inês.
Assassinato de Inês	D. Afonso IV assassina Inês, provocando a ira de Pedro.	Narra o encontro de Pedro com Inês suplicando pela vida e a exigência dos conselheiros pela execução da sentença.
Casamento com Inês	Pedro nega intenção de casar, depois afirma casamento secreto com testemunhas.	Pedro nega casamento, mas depois declara ter se casado com Inês.

Vingança de D. Pedro	Relata a vingança brutal de D. Pedro contra os assassinos de Inês.	Menciona a vingança e o traslado do corpo de Inês, mas com menos detalhes.
Reconhecimento de Inês	Pedro constrói túmulos para Inês e si mesmo, reconhecendo-a como rainha.	Concorda com Lopes sobre os túmulos e o reconhecimento póstumo de Inês como rainha.
Perfil de D. Pedro após a morte de Inês	Apaixonado, não quis mais se casar após a morte de Inês.	Não menciona o perfil sentimental de D. Pedro após a morte de Inês.
Visão crítica	Desaprova a vingança de D. Pedro e a troca de prisioneiros (assassinos de Inês que fugiram para Castela).	Não expressa desaprovação explícita pela vingança de D. Pedro.

Esta tabela compara as diferentes perspectivas e relatos dos cronistas Fernão Lopes e Rui de Pina sobre eventos significativos na vida de D. Pedro I e Inês de Castro. Ambos os cronistas oferecem visões únicas que refletem as sensibilidades e contextos de seus respectivos séculos.

Segundo Souza (2018, p.11), a imagem de Inês como figura passiva, corroborando os estudos a partir de Fernão Lopes, convive lado a lado com outra imagem: a de uma mulher manipuladora, que teria usado sua influência junto ao príncipe para promover o interesse de seus irmãos e familiares. “Para além dela, é tão verossímil a moça frágil e ingênua que se perdeu de amor como a intriguista artificiosa e cheia de ambição que alguns historiadores nela quiseram ver, a vítima dócil de um decreto inabalável ou a mulher segura de si e do seu direito de viver”.

Em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o trágico romance de D. Pedro e D. Inês de Castro, é contado por Vasco da Gama ao Rei de Melinde. O poeta, ao abordar a paixão do príncipe herdeiro pela dama de sua mulher, segue em parte a narrativa histórica de Portugal contada por Fernão Lopes. No entanto, ao descrever o traslado do corpo de Inês, o autor menciona detalhes ausentes nas crônicas, os quais, logicamente e segundo historiadores contemporâneos, não puderam ter ocorrido.

Quando se trata do amor profundo que floresceu entre eles, Camões permanece leal às crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina, narrando o desenvolvimento desse sentimento e sua interrupção drástica. Tanto em "Os Lusíadas" de Luís de Camões como na crônica de Fernão Lopes, o episódio de Inês de Castro desempenha um papel crucial na trama.

Em "Os Lusíadas", o episódio é apresentado no Canto III. A abordagem de Camões destaca a figura feminina como "mísera e mesquinha", apesar de realçar sua beleza e o profundo amor que D. Pedro nutria por ela. "Aconteceu da mísera e mesquinha/Que depois de ser morta foi Rainha" (Camões, 2015, p. 118).

Em atenção à obra "Os Lusíadas", Souza (2023, p.01) afirma que, é uma das principais obras do classicismo português, estilo de época que possui características peculiares como, uma visão antropocêntrica, bucolismo, uma idealização do amor, idealização da mulher e um rigor formal.

O poeta utiliza uma linguagem rica e expressiva para descrever os sofrimentos e a morte de Inês, bem como a vingança sangrenta promovida posteriormente por D. Pedro contra os assassinos. Ao contrário das crônicas, podemos perceber Inês implorando por sua vida:

ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
 (Se de humano é matar hũa donzela,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la),
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens à morte escura dela;
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida, com clemência,
 A quem peja perdê-la não fez erro.
 Mas, se to assi merece esta inocência,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
 Onde em lágrimas viva eternamente. (CAMÕES, 2015, p. 127-128).

Enquanto Camões utiliza o episódio de Inês de Castro para reforçar os valores do amor e da honra, exaltando o sentimento romântico e a importância de lutar por ele, Fernão Lopes apresenta o evento como uma batalha pelo poder e pelo controle do reino, sublinhando as rivalidades entre a nobreza portuguesa.

Ambas as obras retratam o episódio de Inês de Castro de forma trágica, enfatizando sua brutalidade e injustiça. No entanto, enquanto Camões coloca um foco mais poético e lírico na figura de Inês, Fernão Lopes aborda a questão com uma perspectiva mais histórica e política.

3.3.1 A trágica história de Inês de Castro descrita no cordel de Silveira (2015)

O rei D. Afonso IV, pai de Pedro, não aprovou o amor entre Pedro e Inês e ordenou o exílio de Inês. Após a morte da D. Constança, esposa de Pedro, a amante voltou a Portugal e

conviveu maritalmente com Pedro, onde nasceram 4 filhos deste relacionamento. Porém, esta história de amor não teve um final feliz.

O rei e seus conselheiros continuavam a não concordar com a união dos dois e por receio de ameaça ao trono, em 1355, decidiram tirar a vida de Inês.

Sem saída sua aporia
 (bonito nome que se dá
 Ao que sem remédio ou receita
 Por irremediado está)
 Eis el-Rei numa encruzilhada,
 Posto ao sabor do deus-dará.

Querem saber sua aporia?
 Mataria uma inocente,
 Condenada injustamente,
 Ou o reino em risco poria,
 Se agisse covardemente,
 Maculando sua dinastia.

Deu as costas aos Conselheiros
 Que o encaravam irosos.
 (Minutos mais que temerosos
 Viveu Inês, seus derradeiros.)
 - “Como posso deixá-los órfãos,
 O reino, os netos...? Lavo as mãos...”

Sua decisão (como Pilatos
 fugindo de seus próprios atos)
 decretou Inês a sorte.
 Condenou-a tão só à morte,
 Entregando-a à cruel sanha
 Dos Conselheiros sem entranhas
 (Silveira, 2015, p.46).

Inês, antes do despertar do dia, em uma cena de arrepiar os cabelos, foi degolada pelos conselheiros de D. Afonso.

Tudo viram horrorizadas
 As pobres crianças, aos berros.
 A mãe, tombando mutilada
 Sob os golpes cruéis de ferro,
 Mal conseguiu dizer adeus
 Aos coitados filhinhos seus
 (Silveira, 2015, p.48).

Com a morte do pai, Pedro então, assumiu o trono e, com um enorme desejo de vingança, foi atrás dos assassinos de sua amada e arrancou-lhes o coração.

É só em nome da verdade
 que lhes conto toda a maldade
 que sofrem na punição:
 foi-lhes tirado o coração,
 arrancado a sangue-frio
 ante o rei que, pasmem, se riu
 (Silveira, 2015, p.62).

Pedro fez um juramento de tornar Inês rainha de Portugal, mesmo após sua morte. Vários anos após o assassinato, ele exumou seu corpo em decomposição e o conduziu em procissão desde Coimbra até Alcobça, onde foi sepultado com honras reais, com o desejo de que um dia Pedro pudesse descansar ao seu lado para sempre.

Inês defunta, esbrugada,
 Pedro a pôs num trono sentada.
 Cerimônia de beija-mão,
 Respeitoso, com devoção.
 Gente de nobreza, do clero,
 Todos com riso amarelo,
 Beijam-lhe a fétida mão.
 Toda aquela cena de horror
 Era parte da punição
 Que fora por Pedro urdida.
 Queria todos por toda a vida
 Sentindo o próprio fedor
 (Silveira, 2015, p.69).

Os trechos mencionados acima relatam a trágica história de Inês de Castro e é através deles que apresento a proposta didática do Júri Simulado para julgar os assassinos de Inês, a mulher morta por receio do Rei de colocar a dinastia em risco. Este roteiro pode ser desenvolvido pelo ensino médio, mas pode ser adaptado para outros públicos, tanto para o ensino fundamental quanto, até mesmo, para o ensino superior.

3.4 A avaliação

Algumas habilidades são necessárias para que os alunos assumam uma condição de protagonistas do seu processo de aprendizagem, que sejam capazes de compartilhar experiências, ideias e pontos de vista, ao mesmo que se mostrem receptivos para interpretar e compreender os discursos dos outros, contrapondo-os quando apropriado.

É importante que os alunos sejam avaliados:

- Através do emprego da linguagem na elaboração de textos orais, como a apresentação do Júri simulado;
- Textos escritos, através do dossiê que os alunos construirão.
- A utilização das palavras de maneira apropriada, com atenção à pronúncia, entonação e ritmo;
- A sistematização das ideias;
- Identificar os elementos textuais no decorrer do discurso exposto.
- Verificar de forma crítica as variedades de discurso, a habilidade de argumentar.

Apresento-lhes alguns critérios que podem ser abordados na avaliação.

- Os alunos se prepararam adequadamente para a apresentação do conteúdo?
- Houve clareza na apresentação, na organização de ideias seguindo um raciocínio lógico?

- A apresentação foi pertinente ao cordel?
- O tempo estipulado para a apresentação foi seguido adequadamente?

Professor, avalie os alunos considerando as transformações nos seus comportamentos em relação às atitudes, conhecimentos e habilidades desenvolvidas em um ambiente educacional específico, pois é natural que os comportamentos evoluam com o aprendizado.

Finalmente, proponha a autoavaliação dos estudantes em relação à proposta.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Leandro de Sousa; ANDRADE, Valéria; BARROS, Marcelo de Alves. **A imaginação na constituição do mito dos amores de D. Pedro e D. Inês de Castro**. 2020.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora Ltda, 2015.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Transposição em português atual e notas por Virgílio Catarino Dias. Edição de Autor. Lisboa: Leya, 2015.
- CORRADIN, Flávia Maria. **O Eunuco de Inês de Castro**. 2007.
- COSTA, Myrian Cristina Cardoso. **Inês de Castro em Herberto Helder e Fernão Lopes: A permanência do mito**. 2013.
- KREISCHER, Bárbara Cecília. **“O caso triste e digno de memória que do sepulcro os homens desenterram”: (Re) Leituras de Inês de Castro na Contemporaneidade**. 2015.
- LIMA, Rahissa Oliveira de; ARRUDA, Larissa de Souza. **Inês de Castro: exercício de memória e de ficção**. Revista Medievalis, v.10, n.2, p. 77-88, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/48915-138544-1-PB%20(1).pdf Acesso em: dez de 2022.
- LOPES, Fernão. **Crônica de D. Pedro I**. Porto: Livraria Civilização, 1994.
- NETO, Renato Drummond Tapioca. **Os amores de Pedro e Inês: a história da dama galega que conquistou o príncipe de Portugal – Parte I**. [S.L]: 27 mai 2021. Disponível em <http://rainhastragicas.com/2021/05/07os-amores-de-pedro-e-ines-a-historia-da-dama-galega-que-conquistou-o-principe-de-portugal>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.
- PINA, Rui de. **Chronica de El Rey Dom Afonso o Quarto**. Lisboa, 1936: Biblioteca Nacional Digital, 2009. Disponível em: acessado a 27 de setembro de 2021, p. 200-213.
- SANTOS, Ary Leonan Lima. **Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de História: conceitos, repertórios e experiências**. 2018.
- SILVA, José Carlos da. **A história de Pedro e Inês de Castro chega ao Cordel - Entrevista com Professor Francisco Maciel Silveira**. 26 de agosto de 2016. Disponível em: <<https://ppl.gal/entrevista-com-professor-francisco-maciel-silveira/>> Acesso em 15 de dez, 2022.
- SILVEIRA, Francisco Maciel. **O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo: O ABC da Literatura**. 1ª ed. São Paulo. Editora kapulana, 2015.
- SOUZA, Luana Rafaela dos Santos de. **Literatura de cordel: Um recurso pedagógico**. Revista Científica da FASETE 2018. Disponível em: <https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf> Acesso em 20 de nov. de 2022.
- SOUZA, Warley. **"Os Lusíadas, de Luís de Camões"; Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/os-lusiadas-de-luis-de-camoes.htm>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

3 PARTE II - A HISTÓRIA DE PEDRO E INÊS DE CASTRO: HISTÓRIA E LITERATURA

1 RAÍZES IBÉRICAS DO CORDEL BRASILEIRO

A prática de compartilhar histórias tem sido parte essencial da experiência humana, servindo como uma forma de transmitir conhecimentos entre diferentes populações. Essa tradição, conforme explica Abreu (1999, p. 23), deu origem a vários estilos literários, incluindo a literatura de cordel, também conhecida como "folhas volantes". Esse estilo literário é caracterizado por pequenos folhetos presos por finos barbantes de sisal vendidos em feiras e praças.

Segundo Souza (2018, p.3), a literatura de cordel tem suas raízes na Península Ibérica, especificamente em Portugal e Espanha, mas não se limita a esses países. Neves (2018, p. 18) afirma que as origens desse tipo de literatura estão ligadas à prática antiga de contar histórias, que gradualmente passaram a ser escritas e, posteriormente, difundidas através da impressão.

Durante a transição da Idade Média para a Moderna na Europa, em países como França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Holanda, é possível perceber a existência da literatura popular impressa em folhetos tanto através da literatura clássica quanto através de pesquisas em documentos, relatos, museus e coleções particulares.

De acordo com Pereira (2022), na Inglaterra, os livros de cordel recebiam o nome de *chapbooks* (ou livros de venda ambulante) e eram voltados para o público adulto e infantil. Vendidos nas ruas, tratavam de diversos assuntos que iam desde os contos de fadas a histórias surreais, política, crime ou, até mesmo, desastres naturais.

Em Portugal, no final do século XVIII e início do século XIX, os assuntos abordados nos textos foram ampliados, variando desde relatos sobre acontecimentos sociais, casamentos, aniversários, mortes, descrições de cidades, até narrativas históricas e religiosas. Um dado importante é que, para algumas comunidades, esse era o único meio para o aprendizado da leitura. Chartier (2002, p. 43) afirma que, em muitos povoados, o primeiro contato que as pessoas tinham com letras era através destes textos, pois o preço das literaturas completas era elevado. O cordelista Roberto Coutinho da Motta, o Bob Motta, conta em cordel o conteúdo abordado nos cordéis na época.

Na Espanha e em Portugal,
no século dezesseis,
o cordel, digo a vocês,
já não era algo de novo.
Pois o mesmo enfatizava,

estórias e expedições,
falava das tradições,
ligadas a cada povo.
As narrativas e estórias,
na memória armazenadas,
de pai prá filho, passadas,
do que ficará prá trás.
Romances, guerras, viagens,
faziam parte das listas,
ou vitórias e conquistas,
ode a mitos regionais. (Motta, 2022)

Em sua análise sobre a história desse gênero literário, Oliveira (2007, p. 5) afirma que na antiguidade os povos saxões, fenícios, greco-romanos e cartaginenses já traziam consigo a literatura popular em suas conquistas territoriais. Ele também destaca que, no século XII, a literatura popular era bastante presente em Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela, já que esses eram locais de concentração de poetas nômades, influenciados pela presença da Igreja Católica e pela disseminação da religião. Moreira de Acopiara resgata essa história através dos próprios versos de cordel.

[...] na Península Ibérica, séculos atrás,
Essa arte teve início
Com narrativas orais
Recitadas nos castelos
E nos palácios reais.
E foi com os portugueses
Que essa arte aqui chegou,
Instalou-se no nordeste
E se aperfeiçoou,
Modernizou-se e, em seguida,
Pelo Brasil se espalhou [...] (Acopiara, 2009, p. 14)

Através da prática ancestral de transmitir conhecimentos, recontar lendas, histórias de aventuras, romances épicos e outros discursos que compõem a literatura popular, é possível observar claramente que essa tradição literária de origem popular se desenvolveu através da oralidade. Desde os primórdios do século XII, quando poetas percorriam a Europa recitando suas narrativas, até o surgimento dos primeiros folhetos, passaram-se cerca de 300 anos, porém, mesmo com essa distância temporal, as características essenciais foram preservadas e essa prática literária conhecida como folhetos eventualmente passou a ser chamada de cordel.

Também conhecida como “literatura de folhetos”, a literatura de cordel teve seus registros iniciais na Espanha, em meados dos séculos XV e XVI. No entanto, segundo Francisco de Assis Ângelo (1996), a expressão “literatura de cordel” surgiu somente no século XVII, em Portugal, em decorrência da forma de comercialização dos folhetos, contendo versos de várias histórias, romances, aventuras e viagens que eram vendidos em praças públicas – o que agradava as diversas classes sociais (da plebe à corte). (Neves, 2018, p. 21)

É difícil estabelecer, ao certo, quando os cordéis começaram a ser publicados. No entanto, ao buscar as origens dele, retomam-se as tradições das narrativas europeias do período de passagem entre a Idade Média e a Moderna em países como França, Portugal, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Holanda, conforme elucidada Câmara Cascudo:

Duas fontes contínuas mantêm viva a corrente. Uma exclusivamente oral, resume-se na história, no canto popular e tradicional, nas danças de roda, danças de divertimento coletivo, ronda e jogos infantis, cantigas de embalar (acalantos), nas estrofes das velhas chácaras e romances portugueses como solfas, nas músicas anônimas, nos aboios, anedotas, adivinhações, lendas, etc. A outra fonte é a reimpressão dos antigos livrinhos, vindos de Espanha ou Portugal e que são convergências de motivos literários dos séculos XIII, XIV, XV, XVI, [...] (Cascudo, 1984, p. 23).

De maneira geral, segundo Pereira (2014, p. 20), os cordelistas utilizam os folhetos como fonte para os mais variados estudos. Historiadores, cientistas sociais e escritores encontram na literatura de cordel excelente e vasto material para pesquisas, dada sua característica de legitimar uma realidade social na qual o homem de ontem e de hoje é retratado.

Por fim, é importante destacar que o termo "cordel" era usado para descrever as cordas em que os folhetos eram pendurados, e há evidências de que a literatura de cordel estava presente em quase toda a Europa Medieval. No entanto, nem todos os folhetos de cordéis medievais eram poemas. Segundo Souza (2018, p. 77), o termo "cordel" foi mencionado pela primeira vez em 1881, no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Carlos Aulete. No dicionário, "cordel" é definido como cordão, guita, barbante, enquanto "literatura de cordel" é descrita como um conjunto de publicações de pouco ou nenhum valor. Os cordéis abrangiam diferentes tipos de histórias, desde folclóricas até inspiradas em histórias épicas, cavaleirescas, de reis e de grandes cavaleiros.

A literatura de cordel teve presença marcante na cultura de todos os povos medievais. Essa farta literatura popular em folhetos, fenômeno que se manifestou em toda a Europa Medieval até finais do século XIX, incluindo países como Alemanha, Holanda e Irlanda, não continham apenas narrativas poéticas, veiculando textos em prosa tanto ficcional como fatos da comunidade e políticos. De acordo com o Ministério da Cultura (BRASILIA, 2018) a literatura de cordel se atualiza constantemente.

Em nossos estudos, compreendemos que durante o século XVI, na busca pela expansão de seus territórios, os europeus conquistaram e colonizaram o continente americano com interesse de obter novos mercados para alimentar seus interesses econômicos. Portugueses e espanhóis, através da dominação política, econômica e cultural, trouxeram para o Brasil sua tradição literária e, com ela, a literatura de cordel. Portanto, conforme preceitua Diegues Júnior

(1973, p. 173), a literatura de cordel brasileira, mais precisamente no Nordeste, tem raízes lusitanas trazidas pelos colonos em suas bagagens.

No Brasil, o cordel chegou primeiro em Salvador, trazido pelos colonizadores portugueses e, depois, foi sendo difundido para outros estados do Nordeste, em sua modalidade oral. Tal como nos países ibéricos, no Brasil Colônia o Cordel tornou-se forma de comunicação, favorecendo, conseqüentemente, a disseminação de manifestações cheias de oralidade e improvisado. Souto Maior (1981, p. 89) enfatiza ainda que esta literatura se tornou lazer da população não alfabetizada:

Lidos à luz dos fífós fumacentos nos alpendres das fazendas, nas bodegas ou nas casas onde alguém está frequentando a escola rural, mais próxima, após um longo dia de trabalho, os folhetos desde que surgiram na região constituíam também o lazer dos que viviam divorciados do progresso e da tecnologia (Souto Maior, 1981. p. 89).

É possível perceber a grande importância da literatura de cordel para a consolidação da Língua Portuguesa num país de extensão territorial tão grande quanto o Brasil e numa época em que as pessoas viviam isoladas geograficamente, tendo poucos ou quase nenhum contato com a língua escrita. Entende-se que os autores apontam as duas realidades indissociáveis do cordel brasileiro, a produção oral e a escrita.

Araújo (2007, p. 78) explica que os temas dos folhetos de cordéis brasileiros se dividem em grandes subtemas, como, ciclo do boi; desafios; histórias relacionadas com a religião; banditismo; ritos e cerimônias; fatos locais; pornografia e temas da literatura e histórias universais.

Torna-se importante ressaltar que no Brasil, a literatura de cordel é caracterizada por apresentar relato de temas populares; utilização de linguagem informal (coloquial); utilização de métricas e rimas; oralidade e musicalidade; utilização de humor, ironia e sarcasmo e por retratar os costumes locais. Nesse sentido, segundo Batista (1977, p. 33), a Literatura de Cordel é tida como a literatura do povo para o povo, pela qual os cantadores ambulantes ficam responsáveis por levar seus versos para cidades diversas, muitas vezes presentes em feiras e praças, com o auxílio de instrumentos musicais.

Neves (2018, p.20), afirma que o cordel brasileiro, como produto histórico, sofreu todas as influências da prática milenar de contar histórias, absorvendo determinados aspectos, em um longo processo de maturação, até chegar às características do gênero literário que hoje conhecemos como cordel ou literatura de folhetos.

O cordel é apresentado em formato de poema, no entanto, mesmo estando escrito em versos, devido à sua estrutura, tem mais proximidade com o conto. Cavnac (2006 *apud* Neves,

2018, p.20), afirma que “esses contos edificantes em versos são tanto fábulas satíricas ou morais quanto episódios épicos e poesia romântica e contém elementos de mito”.

Dentre tantos avanços urbanos no Brasil, o Nordeste, mesmo que lentamente, sofreu muitas mudanças, e muitos dos seus costumes desapareceram, mas, a literatura de cordel persistiu aos progressos e se mantém viva até hoje, desafiando os meios de comunicação, como rádio, televisão e cinema, continuando a proporcionar entretenimento ao público em qualquer cenário onde haja um poeta-cantador acompanhado de sua viola (Pereira, 2022). No entanto, o interesse pelos cordéis antigos está dando lugar aos novos cordéis que tratam de temas que falam dos heróis dos dias de hoje, de denúncias, de acontecimentos do novo Brasil.

Assim, Pereira (2022, p. 20), explica: “No Brasil, a literatura de cordel passou por modificações, tanto nas formas de linguagens, pois tornaram-se mais populares, quanto nas temáticas que passaram a ser adaptadas à realidade local, embora tenham mantido muitas características originais”.

Compreende-se, portanto, que o cordel do Brasil, embora tenha raízes europeias, se distingue dos anteriores e se destaca como genuinamente brasileiro e ainda conta histórias europeias, junto às próprias histórias brasileiras. Muitas vezes, pela natureza oral do cordel e pelo fato de essas histórias circularem em nosso imaginário há séculos, há transformações na estrutura, personagens e sentidos dessas histórias. Assim, pode-se dizer que o cordel se apropria do passado e o reconta em seus versos, construindo, uma espécie de registro e revisão dos discursos do passado ao mesmo tempo.

Torna-se importante lembrar que a literatura de cordel, assim como em outros gêneros literários que vieram ao Brasil colônia, eram controlados em relação aos conteúdos que poderiam ser abordados. Desse modo, Abreu (1999, p. 51), afirma que ao receberem as obras, havia uma espécie de triagem feita por representantes da Igreja Católica, responsáveis pela análise dos conteúdos dos textos e, aquelas que não estivessem em concordância com o pensamento católico-cristão, eram consideradas profanas, pecaminosas e ilegais, sendo assim, classificavam-se como proibidas.

Segundo Souto Maior (1981, p. 89), a literatura de cordel nordestina, foi aos poucos adquirindo uma existência autônoma. Reis, rainhas, nobres e heróis foram dando lugar a personagens locais. A autora destaca a origem pobre dos primeiros cordelistas, os quais muitos aprenderam ler por conta própria e, mesmo assim, chegaram a viver dos versos de cordel e da sua venda.

Por abordar histórias e situações características da região, o cordel fortaleceu o folclore e o imaginário regional. Sua impressão em grande quantidade e rapidez fez com

que se popularizasse, principalmente porque sintetizava de maneira simples as histórias. Ainda segundo Pereira (2022, p. 18) a história ibérica era abordada em algumas produções cujos temas variavam bastante, ou seja, iam desde assuntos religiosos a romances e sátiras, trechos de obras consideradas importantes, partes da bíblia e outros como: as conquistas de imperadores europeus, história da donzela Teodora, do Imperador Carlos Magno, da Princesa Magalona, etc.

Pode-se perceber que os cordéis tratavam de vários assuntos da época, pois este tipo de literatura está inserido na milenar prática de conservar a memória de fatos ou acontecimentos através de relatos poéticos.

Não seria exagero dizer que o folheto é o produto do que quer que lhe passe pela frente e venha a estar ao alcance da inspiração, assim como acontecimentos sociais e políticos, estórias correntes na oralidade, personagens histórico-políticos, dramas sociais, catástrofes, revoluções, temas bíblicos, personagens e produções do rádio e da televisão, sonhos, ficção, recriações de filmes (FREIRE, 2002, p. 9).

Os personagens fictícios ou reais da Europa Medieval eram figuras presentes nas lendas europeias. Neves (2018) explica que, dentre essas figuras, tem-se a de Ricardo Coração de Leão, rei inglês coroado em 1189 e que, segundo a lenda, era poeta, sendo identificado em uma prisão inimiga por um súdito ao cantar uma de suas poesias.

Outro personagem foi Roberto do Diabo, o rei normando que nasceu de uma blasfêmia de sua mãe, a qual, não podendo conceber um filho do rei, seu marido, pediu ajuda a Satanás, no que foi prontamente atendida. Roberto, ao crescer, faz todas as maldades possíveis, tornando-se um assassino frio e impiedoso, até o dia em que, atendendo a uma voz, arrepende-se e converte-se ao Cristianismo.

Também Carlos Magno, o imperador francês que liderou a luta contra os mouros, tinha entre seus pares mais famosos Roland e Oliver. As histórias em torno de Carlos Magno, a propósito, marcaram um dos ciclos do cordel, vindo a ratificar o elo histórico entre Europa e Brasil na origem do nosso cordel.

A História da Imperatriz Porcina, uma das obras de maior sucesso de Baltazar Dias em 1660, narra em versos rimados a saga da esposa do imperador de Roma, Lodônio, e filha do rei da Hungria. Na história, Porcina foi enganada por um falso testemunho do cunhado e Lodônio, seu esposo, mandou matá-la. Ela escapou da morte, escapou de muitos trabalhos e torturas e, por sua bondade e muita honestidade, tornou a recobrar seu estado, com mais honra do que antes.

De acordo com o folclorista brasileiro Câmara Cascudo (1984, p. 22), no livro intitulado “*Cinco livros do povo, a História da Imperatriz Porcina*”, de Baltazar Dias, a inspiração são as

histórias de devoção à Virgem Maria, manuscritas durante o século XI por escritores que relatavam as intercessões da população diante da catástrofe da Peste Negra.

Está claro que personagens lendárias, embora reais, tornaram-se mitos tanto na Europa como em países que sofreram a influência europeia, como no Brasil, onde, especialmente no Nordeste, poetas populares transfiguraram tais personagens e suas batalhas em cordel já que segundo o poeta e folclorista Marco Haurélio (2016, p. 26), “na base da cristalização do mito está o jogral, o bardo itinerante, o poeta do povo, encarregado de difundir e divulgar as façanhas dos heróis, que, conscientemente ou não, ele ajuda a fabricar.”

2 INÊS DE CASTRO COMO TEMA HISTÓRICO E LITERÁRIO

Antes de nos concentrarmos na história de Pedro e Inês, faz-se necessário contextualizar o período histórico no qual ela está inserida. Crônicas portuguesas escritas no século XV referindo-se ao século XIV, como as de Fernão Lopes e Rui de Pina, retratam um reino assolado por problemas políticos, econômicos e sociais que se deixavam perceber já nas décadas de 1320 e 1330. Houve uma breve guerra civil e problemas mais constantes com Castela, o reino vizinho, pois ambos os países tentavam interferir nos assuntos internos do outro.

Como para Burke (2021, p. 33), “...os historiadores culturais têm de praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação.”, torna-se necessário buscar nesses cronistas medievais a possível proximidade com os eventos ocorridos, pois essas crônicas foram escritas anos após a ocorrência dos fatos.

Investigando a história de Portugal no século XIV, identifica-se em Marques (1977, p. 177) que D. Afonso IV e D. Pedro I governaram de 1325 a 1367, época em que a nobreza perdia poder devido aos instrumentos fiscais e administrativos cada vez mais centralizados e opressivos e, por isso, aproximava-se do monarca na tentativa de assegurar seu poder garantido pela tradição.

D. Dinis, pai de D. Afonso IV, tinha preferência de sucessão por outro filho seu, Afonso Sanches, preferência esta que compartilhava com a importante família castelhana dos Castros, que tinha raízes nos reinos de Portugal e Castela e encontrava-se desejosa de obter maiores regalias, mas D. Afonso IV possuía o apoio da nobreza, a qual tentava recuperar suas vantagens. Em 1324, foi assinada a paz de Santarém, garantindo a D. Afonso IV o direito ao trono.

Em 1325, D. Afonso IV chamou os súditos para prestar juramento e aproveitou para exilar Afonso Sanches e condenar à morte João Afonso, ambos seus irmãos. Sanches, na tentativa de vingar o irmão morto, quase desencadeia uma guerra contra Castela, pois seu sogro, João Afonso Albuquerque era aliado de D. Afonso XI (rei de Castela). Após três anos de conflitos, a paz entre os irmãos é assinada.

Segundo Marques (1977, p. 178), os casamentos reais eram o meio para se alcançar benefícios econômicos e políticos, deixando claro que os interesses políticos e familiares se misturavam: “Como habitualmente, as bodas reais desempenharam o seu papel: Afonso IV casou a filha, D. Maria, com o rei de Castela Afonso XI (1328). Foi uma união desgraçada desde o começo: que D. Maria ainda agravou com as queixas dirigidas a seu pai.”. A partir daí, o rei português passou a apoiar os adversários do genro e prometeu seu filho, Pedro I, em

matrimônio a D. Constança, filha do castelhano Juan Manuel, irmão e adversário de Afonso XI. Em represália, Castela iniciou nova guerra contra Portugal e, contando com a intervenção do rei da França e também do Papa, a paz foi negociada.

Devido ao perigo representado pelos muçulmanos que ameaçavam as fronteiras cristãs, Marques (1977, p. 177) conta que houve um breve interlúdio nas querelas entre os governantes dos dois reinos e os dois exércitos marcham para derrotar o inimigo na batalha do Salado, em Andaluzia (1340). Pouco tempo depois, a Peste Negra assolava a Europa.

E é nesse cenário que nos deparamos com Inês de Castro, dama de companhia de D. Constança, por quem D. Pedro se apaixonou. A vida de Inês vem servindo tanto para inspiração poética e produção literária quanto para o conhecimento da história da época. Silva, Braga e Venturini (2017, p. 71) explicam que as obras de arte em torno da figura de Inês de Castro, enquanto mulher vítima de violência, surgiram não só pela sua relação amorosa com o Infante D. Pedro, mas também pelas questões políticas envolvendo os dois reinos.

Inês de Castro nasceu provavelmente em Monforte de Lemos, na província de Lugo, na Galícia, no ano de 1325 e era filha natural de D. Pedro Fernandez de Castro da Galícia e de Aldonza Soares de Valadares, mas foi criada na casa do nobre João Afonso de Albuquerque. Seu pai era um dos mais importantes nobres da corte de Afonso XI de Castela. Era neto do rei D. Sancho IV de Castela, como era também o príncipe Pedro de Portugal, portanto, Pedro e Inês eram primos. De acordo com Frazão (2022), Inês de Castro foi uma nobre dama da região de Castela, na Espanha e fez parte da corte de Constança quando esta foi a Portugal para casar com o Infante Pedro.

De acordo com Lima e Arruda, (2021, p.78), em 1345, Constança morreu ao dar à luz a Fernando (futuramente, D. Fernando I).

Viúvo, Pedro continuou seu romance com Inês, mas não assumiu seu relacionamento nem decidiu desposar outra mulher. Enquanto Inês vivia em Coimbra com os três filhos do casal, Pedro enfrentava a ira de seu pai contra a união que ameaçava a supremacia de Portugal, devido à influente família castelhana de Inês (Lima e Arruda, 2021, p.78).

Em 1351, D. Pedro solicitou ao papa que lhe concedesse dispensa para poder casar-se com Inês, já que eram primos, grau de parentesco que impedia o casamento, segundo o Direito Canônico da época, pedido este que foi negado. O rei D. Afonso IV preocupado com a interferência da família de Inês na política portuguesa era avisado por seus conselheiros que havia perigo para a Coroa e para o futuro próximo do país se D. Inês de Castro viesse a ser rainha.

Assim, no dia 7 de janeiro de 1355, D. Afonso cedeu às pressões de seus conselheiros e, aproveitando a ausência de Pedro, o qual estava em uma caçada, executaram D. Inês de Castro quando esta se encontrava junto a uma fonte. Segundo a tradição, as pedras do leito da fonte traziam manchas avermelhadas pelo sangue de Inês de Castro. Posteriormente, a fonte foi denominada pelo poeta Camões, como “Fonte das Lágrimas”.

De acordo com Fernandes (2011, p. 499), D. Afonso IV tinha aversão à família Castro desde os conflitos com D. Dinis, quando essa família foi aliada do rei na guerra civil contra seu filho. Ele não concordava com a aliança da casa real portuguesa com os Castros e chegou a ordenar o assassinato da amante de seu filho e futuro rei. Outro motivo de repúdio de Afonso IV a Inês de Castro era o fato dela ter sido criada na casa de um nobre castelhano, João Afonso Albuquerque, que era sogro e aliado político de Afonso Sanches, inimigo do rei português.

Afonso IV não queria Portugal envolvido na guerra entre Pedro de Castela e Henrique Trastâmara, pois era avô do rei castelhano. Além disso, ele repudiava a presença dos representantes da família Castro em sua corte, devido à aliança política desses membros com seus inimigos na guerra civil portuguesa, os Castros e Teles de Menezes. Outro fator que influenciou a aversão de Afonso IV aos Castros foi a influência de Diogo Lopes Pacheco, que era próximo ao rei e poderia ter alertado sobre os perigos da proximidade e influência dessa família, o que poderia ameaçar sua própria posição e uma eventual sucessão dos filhos bastardos de D. Pedro ao trono português.

Após a morte de Inês pelas mãos de Diogo Lopes Pacheco, houve tentativa de guerra civil entre Afonso IV e Pedro I., no entanto, o conflito foi resolvido em 1355 com a assinatura de um tratado de paz entre os dois. Segundo Mariana Sales (2008, p. 28), os "Castros eram apenas mais uma família de nobres que buscavam manter e adquirir privilégios através do estabelecimento de relações familiares íntimas com a família real". Após a morte de Albuquerque em 1354 e de Inês, ocorreu a união política da corte portuguesa aos membros da família Castro, que eram opositores de Pedro, o Cruel. Um exemplo disso foi Álvaro Perez de Castro, que se tornou Conde de Arraiolos (Lima e Arruda, 2021, p.78).

Segundo a lenda, Pedro I decidiu prestar uma homenagem especial a D. Inês de Castro, a rainha de Portugal. Ele decretou que o corpo de sua amada fosse exumado e colocado no trono. Desse modo, a rainha foi coroada postumamente, e os nobres foram obrigados a realizar a cerimônia do beija-mão no cadáver sob pena de morte (Lima e Arruda, 2021, p.78).

Este fato ascendeu D. Inês a rainha póstuma de Portugal e um ano depois seu túmulo foi trasladado de Coimbra para Alcobça, o que lhe intitolou como “Rainha depois de morta”. Pedro e Inês estão enterrados um de frente para o outro, confrontando o consuetudinário “lado

a lado” dos casais reais. Reza a lenda que era uma forma de se olharem no dia do juízo final (Lima e Arruda, 2021, p.79).

A história contada em alguns registros, como nas crônicas de Fernão Lopes (século XIV) e Rui Pina (século XV), mostram que Pedro apaixonou-se por Inês de Castro e os encontros entre eles eram frequentes, iniciando-se assim um grande romance. D. Constança, ciente de tudo, vivia a lamentar a triste sorte.

De acordo com Saraiva (1950, p 459), Fernão Lopes nasceu aproximadamente em 1380, pertence à primeira geração após os combatentes de Aljubarrota, mesma geração que os filhos de D. João I. Desde 1418, ele exercia o ofício de tabelião ou notário, uma posição de nomeação régia que exigia conhecimento específico. Foi através deste conhecimento que ele adquiriu condições de estabelecer-se na corte e estabelecer ligações próximas com o poder. Além de ser tabelião geral, ele também ocupou os cargos de escrivão de D. João I, D. Duarte, e em 1437 foi nomeado escrivão da puridade junto ao infante D. Fernando. Isso mostra a grande confiança que a família real depositava em Fernão Lopes, já que essas funções envolviam a preservação de segredos financeiros, diplomáticos e políticos da administração. É interessante notar, no entanto, que Lopes não era nobre, mas sim de origem humilde e tinha ligações com o grupo dos mestrisais através de seu casamento. Portanto, o cronista é um homem de conhecimento que conseguiu ascender na corte real graças a seus conhecimentos e serviços, tanto que por volta de 1434 ele foi nobilitado e tornou-se vassalo do rei.

Em *Crônica de D. Pedro I*, Fernão Lopes relata os problemas envolvendo os reinos português e castelhano, cria uma imagem de monarca justo e coerente e que exercia o papel de juiz, o que lhe deu a alcunha “o Cru”.

E se a Escripura affirma que, por o rei não fazer justiça, vem as tempestades e tribulações sobre o povo, não se póde assim dizer d’este, cá não achamos, em quanto reinou, que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra guisa, nem lh’a mudasse em tal pena por que pudesse escapar a vida. (Fernão Lopes, 1895, p. 15)

Na Crônica escrita por Fernão Lopes, encontramos vários relatos nos quais D. Pedro é retratado como justiceiro e juiz e de como administrava as penas aos criminosos, como no caso em que manda degolar dois de seus criados que roubaram e mataram um judeu (p. 31), e sobre como puniu um bispo que dormira com uma mulher casada (p. 34), além de outros casos citados no capítulo IX. Quanto ao amor de D. Pedro por Inês, o cronista afirma que o caso entre eles era de conhecimento público e, por ser comum os reis terem amantes, esse romance era tolerado.

O cronista esclarece que, devido à insegurança interna e externa dos reinos português e castelhano na primeira metade do século XIV, o romance sofreu consequências, pois Pedro, ao

aproximar-se de Inês, envolve-se também com os irmãos dela, Álvaro Peres de Castro e Fernando Peres de Castro, ambos envolvidos em conflitos contra o rei de Castela. Segundo Fernão Lopes, os irmãos teriam incentivado Pedro a tentar tomar a coroa castelhana derrotando o monarca desse reino.

Essa influência dos irmãos de Inês sobre D. Pedro e o fato de eles terem tido três filhos teria preocupado o monarca, pois os filhos ilegítimos poderiam ser um risco para Fernando, seu neto legítimo. D. Afonso IV, incentivado por seus conselheiros, decide assassinar Inês de Castro, o que provoca a ira do Infante Pedro: “Já tendes ouvido compridamente, onde falamos da morte de D. Ignês, a razão por que a el-rei, Dom Affonso matou, e o grande desvairo que entre elle e este rei Dom Pedro, sendo então infante, houve por este aso” (Lopes, 1895, p. 115).

Na crônica de Fernão Lopes há o relato de como D. Pedro negou a seu pai a intenção de se casar com Inês e, após assumir o trono, afirmou ter se casado com ela, apesar de dizer não se lembrar de quando tal casamento tenha ocorrido, mas apresenta testemunhas do fato.

... antes dizem que muitas vezes lhe enviava el-rei Dom Affonso perguntar se a recebera, e honra-la-ia como sua mulher, e elle respondia sempre que a não recebera, nem o era. (Lopes, 1895, p. 109).

... fez el-rei chamar um tabellião, e presentes todos, jurou aos Evangelhos, ..., que sendo elle infante, vivendo ainda el-rei, seu padre, que estando elle em Bragança, podia haver uns sete annos, pouco mais ou menos, não se accordando do dia e mez, que elle recebera por sua mulher lidima, por palavras de presente, como manda a santa igreja, Dona Ignês de Castro... (Lopes, 1895, p. 110).

O cronista segue seu relato afirmando que D. Pedro, por medo do que seu pai pudesse fazer, não contara antes sobre o casamento, mas a fim de satisfazer sua consciência, contava a verdade nesse momento. Sobre o reconhecimento tardio do casamento, podemos nos questionar se Inês poderia ter sido reconhecida como rainha caso essa revelação não tivesse acontecido.

Outro cronista que faz referência ao caso de amor entre Pedro e Inês é Rui de Pina. Ele era considerado um homem da Guarda, que viveu entre, aproximadamente, 1440 e 1522. Foi escrivão e diplomata de D. João II, além de cronista-mor do reino. Também ocupou os cargos de guarda-mor da Torre do Tombo e da Livraria Real desde 1497 até sua morte. Dentre sua vasta obra cronística, escreveu seis crônicas relacionadas aos reis D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV, nas quais ele teria trabalhado a partir de 1514.

Em sua crônica, *Chrônica del Rey D. Afonso IV*, Rui de Pina discorre, a partir do capítulo VIII, como foi combinado o casamento de D. Pedro e D. Constança e quais os acordos e vantagens para cada uma das cortes. O relato do casamento dos noivos ocorre no capítulo XIX:

“...ano de Cristo de mil e trezentos e trinta e seis, na sua villa de Castrillo, firmarão o contrato do dito casamento com todaslas clauzulas, e condições...” (Pina, 1936, p.59)

Pina relata os nomes dos filhos que D. Pedro teve com D. Constança e do papel de Inês de Castro nessa ocasião.

O infante Dom Pedro filho primogênito erdeyro de ell Rei Dom Affonso de Portugal, foy cazado com a Infãta Dona Constança Manoel, como atrás he declarado, e dela em vida de elRey Dom Affonso seu pay, ouve dous filhos, e huma filha a saber, o Infante Dom Luis, que foi o primeyro, e este em moço faleceo aos baptismo, do qual Dona Ines Pires de Castro foy comadre, de elRey Dom Pedro sendo infante, e da infãta Dona Constança, e isto se fez por quanto esta Dona Ines andava em casa da dita Infãta por sua donzella, e parenta e sentiasse já que o Infante Dom Pedro lhe queria bem, e por se evitar antre elles outra afeiçam, mas o Infante Dom Pedro, sem embargo disto, a teve depois, e ouve della os filhos que a diante faz mensam, e por escuza deste peccado, se dezia que a dita Dona Ines fora forçada ao dito baptismo, e em sua vontade quanto a Deos, nam consentia nelle[...] (Pina, 1936, P. 159).

É fácil percebermos nesse trecho da crônica que o romance que se iniciava entre Pedro e Inês não era visto com bons olhos desde o início e, para evitar que se tornasse concreto, obrigaram Inês a ser madrinha de batismo do filho primogênito de D. Pedro. Esta foi a primeira menção que Rui de Pina fez a Inês de Castro.

E pera mais declaração da geração desta Dona Inês de Castro, que depois de sua morte foy avida, e sepultada por Raynha de Portugal...

E da dita Dona Ines de Castro sua irmã ouve elRey Dom Pedro de Portugal sendo Infante os três filhos, e huma filha os quais senão chamaram Infantes, salvo três anos depois que elRey Dom Pedro seu pay reynou, quando em Coimbra declarou, e fez certo por testemunhas que muytos não aprovavam, que depois do falecimento da Infanta Dona Constança, elle recebera logo por sua molher por palavras de prezete a dita Dona Ines e a causa da duvida que a isso puzeram, foy que nam fez esta declaração loguo como reynou, mas dahi a três annos, e porem elle a este tempo, amandou dahi em diante chamar, e intitular Rainha de Portugal... (Pina, 1936, P.188).

A dúvida levantada por Rui de Pina é por qual motivo Pedro não disse que se casara com Inês logo ao assumir o trono, por que esperou três anos para se declarar? Na crônica, Rui de Pina também esclarece que D. Afonso questionava o filho a respeito de um possível casamento com Inês e, assim como na crônica de Fernão Lopes, D. Pedro nega a possibilidade desse casamento.

Fernão Lopes, ao escrever sua crônica, não questiona os motivos que levaram D. Pedro a não se casar publicamente com Inês enquanto ela ainda era viva, mas Rui de Pina levanta a questão, pois, segundo ele, seria uma forma para que Inês tivesse o tratamento honrado que merecia. Pina vai além das considerações e discorre, ainda sobre quais poderiam ser os motivos de D. Pedro para não se casar com Inês e cita duas possibilidades: a primeira refere-se ao fato de Inês não ser filha legítima de Dom Pedro de Castro e a segunda possibilidade credita aos

irmãos de Inês serem grandes senhores em Castela e ao medo de que esses dois irmãos pudessem tentar assassinar D. Fernando, primogênito de D. Pedro, para que um dos filhos de Inês subisse ao trono.

Ainda nos debruçando sobre o episódio do casamento de D. Pedro e D. Inês, Fernão Lopes e Rui de Pina citam detalhes diferentes desse momento da história, mas que podem se complementar. Fernão Lopes cita vários nomes de pessoas que estavam presentes no momento em que D. Pedro declarou ter se casado com Inês, apesar de afirmar não se lembrar nem do dia nem do mês do casamento. Além disso, discorre sobre as suspeitas que a afirmação causou em todo o povo. Rui de Pina, ao contrário, limita-se a dizer que D. Pedro declarou ter se casado com Inês e comenta suas suspeitas, como dito anteriormente.

Para o cronista Rui de Pina, o rei, ao encontrar-se com Inês, que suplicava pela vida ao lado dos três filhos, apiedou-se e queria perdoá-la, mas seus conselheiros exigiram que a sentença fosse cumprida: “[...] trouxe ante si os três inocentes Infantes seus filhos netos de elRey, com cuja apresentação, e com tantas lágrimas, e com palavras *assi piedozas pedio misericórdia* [...]” (Pina, 1936, p. 196).

Fernão Lopes, assim como Rui de Pina, cita algumas desavenças que D. Pedro teve com seu pai após a morte de Inês, pois o Rei, D. Afonso, não concordava com que D. Pedro vingasse a morte de Inês, cita também o cortejo funesto que acompanhou o corpo da dama até o mosteiro Alcobaça.

Rui de Pina narra sucintamente o traslado do corpo de Inês do Mosteiro de Santa Clara para Alcobaça e não cita muitos detalhes dos fatos acontecidos nesse momento, mas afirma, assim como Fernão Lopes, que D. Pedro mandou construir dois túmulos: um para o corpo de Inês e outro para si próprio. Os dois cronistas concordam que, com esse gesto, D. Pedro fazia com que Inês fosse reconhecida como rainha de Portugal.

Lopes, menciona em sua obra, o motivo da morte de Inês de Castro, a hipótese de seu casamento com o infante e à posterior vingança de D. Pedro, a transferência do túmulo para o mosteiro de Alcobaça e o suntuoso túmulo que o monarca manda construir.

Nos relatos de Lopes (2007, p. 09), Inês não tem voz ativa, não tem nenhuma fala e não desempenha papel algum. Apesar disso, o cronista credita à Inês o perfil de homem apaixonado de D. Pedro: “Esse rei nom quis mais casar depois da morte de Donna Enes em sendo iffante, nem depois que reinou lhe prouve receber molher, mas ouve amigas com que dormio(...)”.

Em um trecho da crônica, Fernão Lopes deixa clara sua visão a respeito do amor de D. Pedro I por Inês de Castro e a desaprovação que ele próprio (Fernão Lopes) sente ao relatar a vingança que o monarca português realiza contra os assassinos de sua amada, pois não

concordava com a troca de prisioneiros nem com o fato de o monarca castelhano ter entregado Pero Coelho e Álvaro Gonçalves, ex-conselheiros de Afonso IV, ao rei português.

Após assumir o trono, de acordo com as crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina, D Pedro parte para sua vingança e, tendo conseguido capturar os assassinos de Inês, teria mandado arrancar o coração de um deles pelo peito e, de outro, pelas costas: “*A maneira de sua morte (...) seria mui estranha e crua de comtar.*” (Lopes, 1895, p. 127).

Neto (2021, p. 46) afirma que era interessante para a coroa real portuguesa que Inês fosse considerada como uma usurpadora. Assim, os portugueses podiam sentir-se livres da possível influência dos irmãos de Inês e, conseqüentemente, da coroa espanhola. Portanto, pode-se compreender que as crônicas as quais buscavam exaltar as ações do rei, pai de D. Pedro, tinham como objetivo justificar a execução da dama.

De facto, Inês de Castro é uma figura que só chegou até nós em atitudes passivas: foi trazida no séquito de uma princesa, foi exilada por um rei, mandada regressar por um príncipe e por ele aposentada sucessivamente em diversas povoações, onde a tradição quase nada fixou, até ser morta por razão de uma vaga desconfiança política que a argumentação histórica muitas vezes tem posto em causa. (Lima e Arruda, 2021, p. 7)

Como se vê, a argumentação histórica discute os registros que se tinha de Inês de Castro. As narrativas, crônicas e contos da época deixam dúvidas sobre a vida e morte de Inês de Castro e outros fatos que se seguiram. Portanto, o passado passa a ser visto como algo mutável a partir dos olhos do presente.

Segundo Sousa (2020, p.11), a imagem de Inês como figura passiva, corroborando os estudos a partir de Fernão Lopes, convive lado a lado com outra imagem: a de uma mulher manipuladora, que teria usado sua influência junto ao príncipe para promover o interesse de seus irmãos e familiares. “Para além dela, é tão verossímil a moça frágil e ingênua que se perdeu de amor como a intriguista artificiosa e cheia de ambição que alguns historiadores nela quiseram ver, a vítima dócil de um decreto inabalável ou a mulher segura de si e do seu direito de viver”.

Na crônica medieval portuguesa, as mulheres da realeza ora aparecem como santas, a exemplo da rainha Isabel de Aragão ou da rainha Beatriz de Castela, ora como pecadoras. Nesse último quesito, encaixam-se figuras como Dona Teresa de Leão, a própria Inês de Castro e Dona Leonor Teles. Mulheres que, conforme acrescenta Carlos Roberto Nogueira (2008, p.43), supostamente representaram “uma ameaça direta à sobrevivência do território português e a sua incorporação ao hegemônico reino de Castela”.

Tendo revisitado e analisado alguns estudos históricos acerca do tema, faremos algumas colocações a respeito da história de amor entre Pedro e Inês de Castro e de como esse amor é retratado pela literatura de diferentes países há mais de trezentos anos.

Segundo Ferrari (2015), a primeira aparição dos amores de D. Inês na literatura se dá com as Trovas à Morte de Inês de Castro, de Garcia de Resende, em 1516, no entanto, é com *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, que a história é eternizada.

Inês nem sempre foi apresentada como vítima. Muitas obras tentaram ser fiéis ao relato das crônicas e outras tomam a liberdade de inserir outros elementos na narrativa. Diferentes imagens foram construídas e dialogam com a personagem de forma histórica e ficcional. De acordo com Santos (2005, p. 17), duas vertentes surgiram da história contada. Em uma vertente popular, Inês era vista como um mau exemplo, uma mulher manipuladora e que trabalhava pelo enfraquecimento da coroa portuguesa. Na vertente literária, vista como vítima inocente. Continuando na vertente literária, Pedro é apresentado como homem apaixonado que se torna duro e intransigente com os erros alheios, um rei que pune com rigor e desejoso de vingar sua amada, assim como nos relatos históricos.

Em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o trágico romance de D. Pedro e D. Inês de Castro, é contado por Vasco da Gama ao Rei de Melinde. O poeta, ao abordar a paixão do príncipe herdeiro pela dama de sua mulher, segue em parte a narrativa histórica de Portugal contada por Fernão Lopes. No entanto, ao descrever o traslado do corpo de Inês, o autor menciona detalhes ausentes nas crônicas, os quais, logicamente e segundo historiadores contemporâneos, não puderam ter ocorrido.

Quando se trata do amor profundo que floresceu entre eles, Camões permanece leal às crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina, narrando o desenvolvimento desse sentimento e sua interrupção drástica. Tanto em "Os Lusíadas" de Luís de Camões como na crônica de Fernão Lopes, o episódio de Inês de Castro desempenha um papel crucial na trama.

Em "Os Lusíadas", o episódio é apresentado no Canto III. A abordagem de Camões destaca a figura feminina como "mísera e mesquinha", apesar de realçar sua beleza e o profundo amor que D. Pedro nutria por ela. "Aconteceu da mísera e mesquinha/Que depois de ser morta foi Rainha" (Camões, 2015, p. 118).

Em atenção à obra "Os Lusíadas", Souza (2023, p.01) afirma que, é uma das principais obras do classicismo português, estilo de época que possui características peculiares como, uma visão antropocêntrica, bucolismo, uma idealização do amor, idealização da mulher e um rigor formal.

O poeta utiliza uma linguagem rica e expressiva para descrever os sofrimentos e a morte de Inês, bem como a vingança sangrenta promovida posteriormente por D. Pedro contra os assassinos. Ao contrário das crônicas, podemos perceber Inês implorando por sua vida:

ó tu, que tens de humano o gesto e o peito
 (Se de humano é matar hũa donzela,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la),
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens à morte escura dela;
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida, com clemência,
 A quem peja perdê-la não fez erro.
 Mas, se to assi merece esta inocência,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente,
 Onde em lágrimas viva eternamente. (Camões, 2015, p. 127-128).

Enquanto Camões utiliza o episódio de Inês de Castro para reforçar os valores do amor e da honra, exaltando o sentimento romântico e a importância de lutar por ele, Fernão Lopes apresenta o evento como uma batalha pelo poder e pelo controle do reino, sublinhando as rivalidades entre a nobreza portuguesa.

Ambas as obras retratam o episódio de Inês de Castro de forma trágica, enfatizando sua brutalidade e injustiça. No entanto, enquanto Camões coloca um foco mais poético e lírico na figura de Inês, Fernão Lopes aborda a questão com uma perspectiva mais histórica e política.

Camões relata que ao mandar exumar o corpo de Inês para que fosse transportado para Alcobaça, Pedro colocou-o sentado num trono, com trajes reais e fez com que todos beijassem-lhe a mão, reconhecendo-a como rainha.

Alguns historiadores expressaram sua opinião sobre as narrativas do caso de Pedro e Inês. De acordo com João Aguiar (1997), não existem documentos consistentes que confirmem o traslado do corpo de Inês como mencionado por Camões, pois, se Inês foi desenterrada anos após sua morte e não foi mumificada, podemos apenas imaginar o estado de seus restos mortais. Além disso, Aguiar argumenta que, considerando que ela foi decapitada, seria impossível colocá-la em um trono.

De acordo com Cristóvão (2012, p.8), o único fato certo é que a sombria cerimônia da coroação e do “beija-mão” à rainha morta que D. Pedro teria exigido de sua corte tornar-se-ia uma das cenas mais marcantes no imaginário popular e nas narrativas do final do século XVI, depois da popularização do episódio de “Os Lusíadas”. Segundo o mesmo autor, sabe-se pouco a respeito da vida de Inês; a sua triste morte, o amor incondicional de D. Pedro e a forma como este quis eternizar esses amores alimentou a poesia e a narrativa histórica, não deixando morrer o mito Inês de Castro.

No poema “Trovas à morte de Inês de Castro”, escrito por Garcia de Resende em 1516, ao contrário da obra escrita por Fernão Lopes, Inês tem voz, apesar de ser uma voz que emerge dos sepulcros e clama por sua vida a D. Afonso. Pedro, com suas memórias, experimenta a angústia causada pela falta de sua amada, sentindo-se também como se estivesse morto, pois só se sente vivo quando recorda o passado e apenas se define quando encontra a amada falecida.

Nesse sentido, Silva et. al. (2017) afirmam que nas artes, Inês de Castro foi elevada a musa desde Camões. Explica ainda que, com o tempo, autores foram acrescentando detalhes relacionados à sua história, sempre de acordo com interesses sócio-históricos. Sendo assim, em uma sociedade machista, é de se esperar que Inês seja retratada como a vilã que auxiliava seus irmãos a tentar alcançar a coroa de Portugal.

Segundo Torres *et. al.* (2017, p.32) o amor de Pedro e Inês despertou sentimentos de simpatia por causa do desenlace trágico, ou seja, a morte de Inês, e do exagero evidenciado pela vingança arquitetada e depois executada por Dom Pedro, assim como pela perpetuação desse amor demonstrada pelo modo como os túmulos foram construídos.

O modo literário que predomina quando se pensa nas representações da história de Inês de Castro e D. Pedro é o dramático, gerando peças que acabavam por serem representadas em coletividades e academias dramáticas de perfil popular.

Em alguns casos publicam-se obras já consagradas com as características do cordel, como é o caso da *Castro*, de António Ferreira. Todavia, incontornáveis e ainda em quantidade razoável são as “comédias” compostas maioritariamente em português, mas que, na grande tradição bilíngue peninsular, sobretudo dos séculos XVII e XVIII, não desmerecem de apresentação pontual em castelhano (Ferro, 2017, p. 134).

Perante a diversidade de publicações, a história de Pedro e Inês firmou-se como um suporte da maneira de ser e sentir do povo português. É perceptível que Camões demonstrava, neste fato, a grande capacidade de amar dos portugueses. Retomando Ferro (2017, p. 136), “Inês ascende, assim, em termos épicos, ao plano de uma heroína do amor”.

Diante de todas as publicações em torno desse trágico amor, pode-se dizer que a população passou a apreciar a intensidade da paixão que uniu os dois protagonistas desse drama que seguia os preceitos consagrados pelas tragédias gregas.

O mito de Inês de Castro, vem, sobretudo, comprovar que a tragédia de Inês além de continuar sendo analisada ao longo das gerações, exerce grande influência na literatura não apenas portuguesa, mas de todo o mundo e que tem sobrevivido ao longo de séculos. A formação do mito em torno dessa figura representa muito para o imaginário literário, visto o número de estudos que existem acerca desse tema (Silva; Braga; Venturini, 2017).

Pode-se compreender, portanto, que o casal Inês de Castro e Pedro, o Cru, está eternizado na literatura e ganha cada vez mais atenção à medida em que suscita novas pesquisas. As personagens e sua história estão em inúmeras obras literárias. Em Portugal, encontra-se a partir da *Crônica de D. Pedro I*, de Fernão Lopes (1895), do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende (1516), no canto III de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões (1572), poeta renascentista, em que Inês se torna o principal elemento. Está também presente no teatro português quinhentista, na tragédia *Castro*, de Antônio Ferreira (1587), permanecendo recorrente na prosa contemporânea e numa infinidade de expressões culturais: ópera, cinema, pintura, escultura, artigo de revistas, poesia, canção, entre outras.

Ao longo dos séculos, a história e a lenda do trágico amor de D. Pedro e Inês de Castro sempre fascinaram a imaginação popular tanto em Portugal quanto na Europa. Diversas obras foram publicadas sobre o caso, tais como "*Adivinhas de Pedro e Inês*" de Augustina Bessa, em 1986, e livros sobre a vida trágica de Inês de Castro como "*O Amor infinito de Pedro e Inês*" (2005) e "*Inês de Portugal*" (1997), escritos por Luís Rosa e João Aguiar, respectivamente. Em 2009, Ângelo da Silva publicou o livro "*A história de Inês de Castro*" pela editora Letras e Coisas, no Porto. No mesmo ano, João Rasteiro lançou o poemário *Pedro e Inês ou As Madrugas Esculpidas*, que aborda o amor que surgiu entre eles.

3 INÊS DE CASTRO EM CORDEL

O professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP), Francisco Maciel Silveira, publicou em 2015, pela Editora Kapulana, o livro *O Caso de Pedro e Inês - Ines(quecível) até o fim do mundo* em formato de cordel.

A coleção em que a obra foi publicada insere-se na vertente criativa do projeto Autor por Autor que, iniciado em 1997, se subordina à linha de pesquisa “Texto, Contexto, Intertexto” do programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O Projeto tem como objetivo o exame de textos teatrais cujo tema seja a vida de autores portugueses ou de personagens da história portuguesa e a utilização de técnicas e recursos teatrais no ensino da literatura e história portuguesa.

Na obra de Francisco Maciel Silveira, *O Caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo*, o autor conta a história do amor entre o infante português, Pedro, e a galega Inês de Castro, coroada rainha depois de morta. A história trágica dos amantes traz ilustrações em estilo de xilogravura de autoria de Dan Arsky.

Pode-se dizer que o escritor utiliza nesta obra uma forma popular, que é o cordel, para atrair a atenção do leitor. A obra estabelece um diálogo entre a História e a Literatura de forma intertextual e crítica e faz, portanto, a releitura da historiografia de Inês de Castro e seu caso de amor com D. Pedro I e da literatura.

De forma popular, como é o cordel, Francisco Maciel se apropria do estilo da epopeia clássica, ao dividir seu texto em introdução, narração e epílogo. Segundo as palavras de Silveira (2015, p. 21), a narração apresenta a história do “amor que, contra tudo e todos/ acabou virando infração/ infração contra as leis de Deus/ infração contra as leis da grei/ agiram como dois sandeus/ no fogo da paixão” apontando ainda, intertextualmente, que a loucura dos amantes acabou por levá-los a um amor de perdição.

Fazendo uso do veio popular do cordel, de desenhos inspirados nesse gênero e da estrutura da epopeia clássica, a obra de Francisco Maciel Silveira é um ABC de Literatura dedicado a leitores à procura de uma literatura menos conservadora e com profundidade literária. Além do gênero, percebe-se que a junção da história e do mito inesiano atualiza e se torna acessível ao nosso público de forma original (Gonçalves, 2016).

Na obra analisada, Silveira (2015) apropria-se do evento histórico tal qual é contado na obra de Camões, *Os Lusíadas*. Inês é retratada como a dama de companhia que chegou à corte portuguesa e se apaixonou pelo príncipe herdeiro. O amor entre os dois torna-se um problema

para a corte e Inês é assassinada a mando do rei. A obra retrata uma personagem frágil, apaixonada e submissa que se deixa levar pelos acontecimentos. Destaca-se que, tanto na obra de Camões como na de Silveira, há a descrição da vingança de D. Pedro após ele tornar-se rei de Portugal, narrando a exumação do corpo de Inês e sua elevação a rainha mesmo após sua morte.

A personagem Inês, na obra de Silveira é apresentada como donzela, uma bela jovem, de cabelo farto, louro, gracioso, assim como foi descrita por Camões e outros cronistas.

Inês, era assim chamada
 Aquela gravura do céu...
 ...tinha cabelo farto, louro,
 Gracioso o colo, de garça;
 O traje, apesar do decoro,
 A sua beleza não disfarça... (Silveira, 2015, p. 23).

Silveira aduz, em sua obra, às personagens Inês de Castro e Pedro, “o Cru”, de maneira mais complexa e intensa. Inês é apresentada como uma mulher bela, inteligente e determinada, alguém que desperta grande paixão em Pedro e é capaz de desafiar as convenções sociais da época. É descrita como uma mulher corajosa e disposta a enfrentar qualquer obstáculo para viver seu amor, mesmo que isso cause sofrimento e tragédia. Sua determinação e lealdade ao amor são ressaltadas, mesmo diante das adversidades e do perigo iminente.

Em contrapartida, Silveira (2015, p. 59) descreve que Pedro, “o Cru”, era um homem temperamental e impulsivo. Um príncipe ambicioso, disposto a tudo para conquistar o poder e satisfazer seus desejos. Pedro se apaixonou por Inês e tornou-se obcecado por ela, chegando a desafiar a própria família e a sociedade para ficarem juntos.

Vale ressaltar, como o próprio apelido sugere, Pedro também é retratado como alguém cruel e impiedoso, capaz de cometer atos de violência e brutalidade para proteger seu amor por Inês. Sua natureza passional e o desejo de vingança são aspectos destacados na história, o que contribui para o desfecho trágico entre Inês e Pedro.

Pedro, além de rancoroso,
 trazia sangue facinoroso,
 correndo pelas veias:
 “- Seus atos e palavras... teias
 São enredadoras, viscosas...”
 É uma aranha criminosa...” (Silveira, 2015, p. 59).

Em suma, nota-se que as personagens Inês e Pedro, na obra de Silveira (2015) são desenvolvidas, se comparadas às crônicas de Lopes e de Pina, ou aos Lusíadas, capazes de enfrentar obstáculos históricos e políticos para viverem o amor intenso e proibido. O autor traz

uma reflexão sobre o poder do amor e a capacidade humana de sacrifício, assim como os perigos da obsessão e da crueldade.

Destaca-se na obra que Pedro, apesar de casado com Constança Manuel, mantinha encontros às escondidas com a dama de companhia de sua esposa.

Nos conformes e a preceito
Cumpru seu papel, sua missão?
Dizem que sem menor paixão
Ou gosto abriu-se no leito.
Três filhos Constança gerou,
Mas de nada adiantou.

Diz-que-diz que foi bruxaria,
Ofício da parte do demo.
Cala-te, boca, até temo
Tão grande foi a ousadia.
Sem mais disfarce, lá no paço,
Pedro e Inês aos amassos!

Já não respeitavam ninguém.
Era adultério, mancebia,
Que, pondo em risco a dinastia
De reinos daqui ou d'além,
Causaram na corte aflição.
Aonde daria tal paixão? (Silveira, 2015, p. 27)

O romance de Pedro e Inês é descrito como uma traição a Constança, afirmando o narrador que, mesmo Constança gerando três filhos de Pedro, ele a traiu de forma ousada, sem disfarces. O trecho aponta o romance como resultado de uma bruxaria, como era comum no período medieval tratar algumas mulheres como bruxas e feiticeiras, e nesse caso, diz-se que Inês enfeitiçou o coração de Pedro, fazendo que Pedro traísse o seu casamento, afastando do homem a traição pelo adultério.

A visão de traição e ousadia aparece nas crônicas, mas descrita como um amor verdadeiro que ultrapassou barreiras como o próprio casamento com Constança.

“Digam-me qual a culpa dela?” (Rei)
“A de não passar de uma cadela!” (Coelho)
“Ser feiticeira que encanta
Pedro com seu corpo e mezinhas
Com o fito de ser rainha” (Gonçalves)
(Silveira, 2015, p. 33).

A linguagem utilizada no cordel é recheada de um vocabulário contemporâneo como por exemplo, “ousadia” e “amassos”, citados nos trechos acima, essa linguagem pode ser a chave para chamar a atenção do público juvenil pela leitura. Uma linguagem típica do cordel que busca uma realidade social que pode se adaptar através do tempo.

Após o falecimento de Constança e vendo o desenrolar do romance de Pedro e Inês, o rei d. Afonso IV, preocupado com a monarquia, ordenou o assassinato de Inês de Castro em

janeiro de 1355. Ferido e desvairado, Pedro liderou uma revolta contra o monarca e, ao assumir o trono em 1357, determinou a prisão e execução dos assassinos de Inês, arrancando-lhes o coração, o que lhe conferiu a alcunha de “Cruel” (Silveira, 2015).

Comparando as descrições de Inês e de Pedro feitas por Camões e Silveira nota-se que Camões (2015) glorifica na memória dos portugueses a aia que “seduziu” D. Pedro como uma mulher meiga e delicada, vítima de sua própria paixão. Ele apresenta a linda donzela inserida num cenário idílico, onde há uma tranquilidade e beleza concordantes com o amor que nasce entre o casal, como se verifica pelos seguintes versos:

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito,
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes insinuando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas (Camões, 2015, p. 29).

Camões (2015) se preocupa em criar um clima de fatalidade e espiritualidade sublimadora. Inês, jovem e cega pelos gozos desse amor, frágil e delicada, é assassinada pela espada e seu choro e voz pedindo misericórdia são brutalmente abafados por seus assassinos. Destaca, ainda, a fragilidade (a mulher) como vítima de um povo e suas razões. Camões pretendia mostrar Inês como o sacrifício ao cristianismo peninsular.

Inês de Castro é descrita, por Camões (2015), como "a mísera e mesquinha que, depois da morte, foi rainha", a expressão “mísera” possivelmente alude à tragédia após sua morte, já o termo “mesquinha” talvez se refira ao não pertencimento de Inês à esfera social monárquica. Pedro é retratado como um homem apaixonado, cujo amor por Inês transcende as barreiras sociais e políticas. Na concepção de Camões, D. Pedro não trocava Inês por nenhuma outra mulher, mesmo se elas fossem belas; assim, o autor demonstra a inocência e a ideia de “amor puro” entre os amantes.

Na obra de Silveira, *O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo*, a personagem Inês de Castro é caracterizada por sua beleza assim como foi por Camões, apenas com uma linguagem diferente. Camões apresenta os encantos e esconde a sedução por trás da ingenuidade de Inês através das palavras: “Estavas, linda Inês, posta em sossego” e Maciel corrobora com a ideia da beleza, mas não disfarça a sua sedução “a sua beleza não disfarça;/promessa de noites ardentes/ é o que ali se presente”.

Camões evidencia um aspecto preponderante da expressão poética e revitaliza o poder revelador da linguagem, Maciel é mais evidente e utiliza uma linguagem clara, mas com

adornos típicos de um cordel, apresentando uma originalidade textual e direcionada ao leitor jovem do século XXI.

Em contrapartida, Lopes (1895), na obra “Crônica de Dom Pedro I”, induz ao leitor o entendimento de que o amor entre Pedro e Inês era verdadeiro, pois o monarca, mesmo anos depois da morte de Inês, demonstrava seu amor por ela. Lopes salienta que quando D. Pedro estava longe de Inês, enviava recados a ela, para que mantivessem o seu caso.

Por que semelhante amor, qual el Rei Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em alguma pessoa, porem disserom os antiigos que nenhuum he tam verdadeiramente achado, como aquel cuja morte nom tira da memória o grande espaço do tempo. (...) Este verdadeiro amor ouve elRei Dom Pedro a Dona Enes como se della namorou, seemdo casado e ainda Iffamte, de guisa que pero dela no começo perdesse vista e falla, seemdo alongado, como ouvistes, que he o principal aazo de se perder o amor, numca çessava de lhe enviar recados, como em seu logar teemdes ouvido (Lopes, 1895, p. 172).

Esse amor verdadeiro e proibido de Pedro e Inês, pode ser visto como uma justificativa de tantos problemas, tanto antes, como depois da morte de Inês, como a guerra com seu pai, a declaração de casamento com Inês e a sua vingança contra os assassinos de sua amada. Portanto o autor faz uma exaltação da paixão do casal (Lopes, 1895, p. 173).

Lopes (1895, p. 127) enfatiza a crueldade do rei ao descrever o momento da vingança da morte de sua amada e destaca como D. Pedro sentiu prazer ao ver a chegada dos assassinos que seriam julgados. Relatou sua tristeza porque um deles, Diego Lopez, fugira. E ao final, sem benevolência, o próprio monarca torturou-os até que um deles confessasse quem foi o responsável por tirar a vida de Inês. Lopes destaca que sua impiedade foi o motivo de receber o título de “O cruel”.

Maciel relata a crueldade de Pedro em vingar sua amada, ao ordenar que fossem arrancados os corações dos assassinos de Inês, e no momento de execução ele assistiu rindo, porque para ele a sua vingança era vê-los sofrer no coração a mesma dor que ele também sofreu.

É só em nome da verdade
Que lhes conto toda a maldade
Que sofreram na punição:
Foi-lhes tirado o coração,
Arrancado a sangue-frio
Ante o rei que, pasmem, se riu. (Silveira, 2015, p. 62)

No caso da crônica de Rui de Pina assim, como Camões e Fernão Lopes, construíram os assuntos principais do caso de amor entre D. Pedro e Inês de Castro. Pina retratou o batismo do filho primogênito de D. Pedro e Constança, inclusive fez a menção sobre à resistência de Inês em aceitar o convite de amadrinhar o herdeiro e que teria sido forçada a fazê-lo. De acordo com Sérgio (1983 p. 01) D. Constança pode ter percebido um envolvimento amoroso entre Pedro e

Inês e, por isso, fez o convite e assim, estabeleceram um vínculo de parentesco que seria uma forma de inviabilizar a oficialização do amor entre eles.

De antemão, existem algumas diferenças entre a obra de Maciel e as crônicas, como por exemplo, no cordel não há o relato do batismo do filho de Constança e também não apresenta Inês como madrinha do primogênito, porque Maciel se concentrou na história de amor entre Pedro e Inês com o intuito de fazer que a história “continue se perpetuando na memória dos brasileiros, portugueses, espanhóis, franceses, ingleses... Enfim, um caso de amor inesquecível...até o fim do mundo” (Silveira, 2015, p. 09).

Pina relata que D. Pedro tinha sido avisado sobre os riscos de morte que sua amada Inês sofria, não só pela existência de um possível herdeiro de Inês de Castro para sua sucessão ao trono, mas também que, possivelmente, um de seus irmãos poderia atentar contra a sucessão hereditária e exigir, pela força, direitos ao reinado, considerando que contavam com apoio de prestigiados castelhanos.

Observa-se que a maior ênfase de Rui de Pina era demonstrar a preocupação do Rei Afonso IV com o futuro de seu reino, a partir das escolhas de matrimônio de seu herdeiro, temendo “... couza que fosse contraria a sua honra, & estado em dano, & perda do Reyno” (Pina, 1936).

Silveira apresenta no texto a vingança de Pedro de uma forma mais leve, utilizando uma vertente que possa contribuir didática e metodologicamente para o ensino, levando uma história clássica com caráter histórico com uma linguagem mais atual que prende a atenção do leitor.

O final da história de amor entre Pedro e Inês não são diferentes, porque ambos os autores abordaram sobre a morte de Dona Inês e destacaram sobre como foi trasladado seu corpo para o mosteiro de Alcobaça.

E este moimento mandou pôr no mosteiro de Alcobaça, não á entrada, onde jazem os reis, mas dentro na igreja, á mão direita, acerca da capellamór. E fez trazer o seu corpo do mosteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente que se fazer pode, cá ella vinha em umas andas, muito bem corrigidas para tal tempo, as quaes traziam grandes cavalleiros, acompanhadas de grandes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e donzellas e muita clerezia (Lopes, 1895, p. 173).

Pedro, o cru, mandou construir
No sacro de Alcobaça
Morada que lá no porvir,
dirá ao vivente que passa:
“Tal foi teu amor – coeterno?
Vivo na morte, sempiterno? (Silveira, 2015, p. 66).

O cordel de Maciel é uma ferramenta importante para a difusão da história porque, através desta obra, os estudantes têm acesso a uma história clássica com o uso de uma

linguagem mais acessível, pois o autor se dedicou a escrever um texto que chegasse ao aluno de forma palatável, seu objetivo é fazer que as obras se tornem mais interessantes para todos os leitores, principalmente aos alunos do ensino fundamental e médio.

Ao longo dessas comparações, nota-se que a obra de Silveira, através de uma linguagem mais acessível, demonstrou-se muito importante para a Literatura e mostra-se muito eficaz para servir como base de estudo para aulas de História.

4 PARTE III

1 A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA

Muito se fala sobre a importância da interdisciplinaridade, de relacionar diferentes áreas do conhecimento em sala de aula, nota-se que este termo ganhou forças e invadiu discussões sobre metodologias de ensino aprendizagem. O grande desafio está em criar conexões certas entre as disciplinas escolares, conservando os objetivos específicos de cada área de conhecimento.

O conceito de interdisciplinaridade, segundo Almeida e Amador (2019, p. 140) “se caracteriza como a interligação de saberes entre diferentes disciplinas e áreas de conhecimento”. Nesse mesmo sentido, Mititier, Lourençon (2017, p. 3) afirmam que “a interdisciplinaridade é um fator de extrema importância para superar a fragmentação dos conteúdos e dos currículos não só na escola, mas no entendimento do conhecimento como um todo”.

Nota-se que a interdisciplinaridade já vem sendo estudada há tempos pela sua importância. Tem-se como premissa um novo olhar diante do conhecimento, com uma nova proposta neste contexto, buscando estabelecer uma aprendizagem integral que contribui para a formação do discente. Fazenda (1979) aponta a interdisciplinaridade como articuladora no processo de ensino aprendizagem na medida em que se produz como ação conjunta, de atitude em sala de aula, um modo de pensar, e a coloca como eixo fundamental na organização curricular.

O objetivo da interdisciplinaridade é construir um conhecimento global, rompendo com os limites das disciplinas, fazendo com que os alunos compreendam a aplicabilidade dos conteúdos em diferentes contextos da sociedade, estabelecendo um vínculo com a realidade, ultrapassando uma abordagem puramente teórica e reducionista. Ademais, busca solucionar a fragmentação entre os conteúdos e aproximar a teoria da prática, não deixando qualquer dúvida quanto à sua importância no contexto contemporâneo.

No que tange à inserção da interdisciplinaridade no ensino médio enquanto elemento essencial, Almeida e Amador (2019, p. 104) aduzem que “no Brasil, a questão da interdisciplinaridade foi pensada e inserida nas legislações educacionais, implementadas recentemente para a formação e fortalecimento da educação básica no país”.

Para que se garantisse a inserção deste novo modelo educacional no Brasil foram criados parâmetros curriculares e leis que abarcam essa multidisciplinaridade como elemento essencial na promoção de uma educação de qualidade. Em 1996 houve a institucionalização da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN, na qual não se vislumbra de forma explícita a incorporação da interdisciplinaridade, mas já apresentava traços de sua incorporação.

Desde então, a educação brasileira incorporou em seu currículo nacional políticas públicas e diretrizes que permitem melhorias no ensino público básico, viabilizando o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, Xavier e Soares (2022, p. 10), aduzem que superar a fragmentação do conhecimento e dos saberes e suas implicações sobre a forma como se apresenta a educação em nossas escolas é fundamental e urgente. Nesse sentido, consideram a interdisciplinaridade como forma de contribuir para que tenhamos um processo de ensino-aprendizagem mais unificado, permitindo o desenvolvimento do indivíduo na sua plenitude.

Torna-se importante ressaltar que atualmente os jovens vivem um mundo em que as informações circulam rápida e livremente. Diante disso, o desafio das gerações atuais é relacionar informações e acontecimentos entre si e serem capazes de pensar e interferir criticamente sobre elas. Não faz sentido desenvolver ensinamentos de forma fragmentada e estanque. A responsabilidade das escolas e dos mestres também se modifica e se torna fundamental e inevitável. Por isso deve-se propor um novo rumo na educação, que promova um ensino que seja mais integrado.

Em relação aos desafios para a implementação da interdisciplinaridade, Xavier e Soares (2022) explicam que:

Os desafios da interdisciplinaridade se fazem notar quando o ensino volta com uma proposição de novos objetivos, de uma nova pedagogia. Para que isso se efetive é necessária a eliminação das barreiras entre as disciplinas, mas também entre as pessoas. Para que sejam enfrentados os desafios que, com certeza, surgirão, precisará ser construída, a partir dos pensadores da escola, uma nova concepção de ensino e de currículo, baseada na interdependência entre os vários campos do conhecimento, superando o modelo fragmentado, fundado no isolamento dos conteúdos. Faz-se necessário, ao repensar os currículos, tentar eliminar os redutos especialistas em prol de uma proposta interdisciplinar, que trabalhe uma pedagogia de projetos, que elimine a artificialidade da escola, aproximando-a da vida real, em que se deva levar em conta o estímulo à iniciativa, à criatividade, à cooperação e à corresponsabilidade (Xavier, Soares, 2022, p.17).

A partir da leitura do trecho apresentado, pode-se compreender a necessidade de uma mudança no modelo pedagógico brasileiro para que se possam vencer os desafios que se apresentam no intuito de proporcionar a conexão entre os conhecimentos e as relações interpessoais dentro das escolas que se caracterizam como aquele local em que se contribui para

a formação do ser humano, enfatizando o pluralismo cultural e ideológico e as diferenças sociais. Diante disso, resta clara a necessidade da interdisciplinaridade.

Ademais, a formação dos professores é fundamental: estes precisam conhecer a fundo de suas disciplinas para que consigam relacioná-las com as demais; além de uma conscientização do Estado em relação à metodologia a ser aplicada, para que a escola se insira no progresso tecnológico e nos avanços do mundo globalizado, e que sejam feitos investimentos tanto nas estruturas físicas quanto na valorização dos profissionais envolvidos no setor educacional.

Definitivamente, a interdisciplinaridade necessita ser vivenciada, não aprendida ou ensinada. Mas sim atitudes efetivas de curiosidade e abertura, caminhando para a visão do novo, sendo que este não está acabado e cristalizado, mas sim algo que se distancia do senso comum (Ferreira, 2011, p. 15).

É preciso que cada profissional esteja impregnado de um espírito epistemológico suficientemente amplo, para que possa observar as relações de sua disciplina com as demais, sem negligenciar o terreno de sua especialidade.

O professor deve sempre pesquisar e buscar teorias, estudos e trocas de experiência com outros professores, no intuito de analisar sua prática e refletir sobre os caminhos que seus alunos estão seguindo. A construção do saber e do conhecimento se desenvolve em conjunto com todas as áreas, sem menosprezo a nenhuma, modificando, desse modo, a prática escolar, tornando-a menos individualista e mais consciente da necessidade da interação social (Xavier, Soares, 2022, p.11).

A área científica conhecida como "História" ganhou sua forma no século XIX e, segundo Pesavento (2005, p. 49), foi apenas após a Segunda Guerra Mundial que a disciplina a considerar o aspecto cultural das sociedades e a se envolver em diálogos interdisciplinares com áreas como Sociologia, Linguística e Ciência Política, destacando a importância da comunicação entre disciplinas. A autora declara ainda que o uso de textos literários como fonte para o estudo do passado se deu forma privilegiada, possibilitando ao leitor a habilidade de produzir um conhecimento significativo a partir do imaginário e da compreensão. Sobre tal assunto, Silva et al., (2022) complementa que História e Literatura sempre mantiveram relações muito próximas:

A História, ainda que postule ser uma ciência, é ainda assim um gênero literário; a Literatura, ainda que postule ser uma Arte, está diretamente mergulhada na História: é a história que a constitui enquanto um gênero produzido pelo homem e incontornavelmente inserido na temporalidade; e é ainda da História que a Literatura extrai boa parte de seus materiais – seja da história dos historiadores ou da história

vivida, mesmo que esta seja a história anônima, vivida diariamente através dos dramas pessoais que não se tornam públicos (Silva, *et al.*, 2022, p. 2).

Campos e Faria (2009, p.30) afirmam ainda que a Literatura constitui uma fonte de pesquisas muito eficiente para a História, pois nela podem ser encontradas informações sobre cultura, cotidiano e pensamentos de uma determinada sociedade e época, nas quais os literatos poderiam estar inseridos, por isso tornam-se úteis para a pesquisa e o ensino da História. Em outras palavras, o texto literário é fonte para a História na medida em que: “Ainda que o texto literário seja fruto do esforço individual de criação do autor, sua produção se deu em um contexto histórico e por isso ele reflete as ideias e valores coletivos, a visão de mundo da sociedade de seu tempo”.

Assim, trabalhar textos literários com os alunos voltados à perspectiva histórica possibilita a realização de análises mais profundas de determinado contexto histórico. Muitos textos são portadores de uma cultura exposta em suas criações. Segundo Bittencourt (2011, p. 342) as obras, ao serem lidas na época contemporânea por alunos, estão impregnadas das muitas leituras que já se fizeram sobre elas. “O poema *Os Lusíadas* de Camões, por exemplo, no decorrer de sua história, foi objeto de muitas leituras, tendo-se transformado em livro didático, ao ser devidamente apresentado e comentado por outros leitores e estudiosos com essa finalidade”.

É importante enfatizar a utilização da Literatura como uma poderosa fonte de pesquisa no ensino de História. Exemplos notáveis incluem as crônicas de viagens da época colonial e imperial, os versos abolicionistas de Castro Alves, os retratos do cotidiano do Rio de Janeiro de Machado de Assis, os relatos do massacre de Canudos escritos por Euclides da Cunha, as memórias de um preso político de Graciliano Ramos, e a representação da cultura regional por Guimarães Rosa, entre outros. Essas obras específicas são fontes privilegiadas que oferecem dados que corroboram, complementam ou preenchem lacunas em outras fontes de pesquisa.

Torna-se importante lembrar que, segundo Costa (2021) a literatura, sendo uma das mais ricas e complexas manifestações da cultura humana, pode, através dos textos literários, fornecer pistas sobre o modo de viver, agir e pensar de pessoas de uma determinada época. Pode ainda ajudar na compreensão de seus hábitos, costumes, crenças, tradições. Neste sentido, o texto literário é uma importante fonte histórica.

Diante disso, percebe-se que a história estabelece uma comunicação com a literatura, permitindo a interdisciplinaridade no ensino. Por ser um produto cultural, a literatura, apresenta a concepção de passado que se encontra formulada no tempo da escritura. Ora, qual seria então o limite que separa a Literatura da História?

Segundo Pesavento (2005, p. 50), a História se estabelece através de seus métodos científicos de representar o passado, enquanto a Literatura se caracteriza como fonte do fantasioso: “[...] dar a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário”.

Sabe-se que, como aponta Cardoso (1981), a História leva em consideração a cronologia dos fatos e se caracteriza por interpretar as ações humanas legitimando-as no contexto social. No mesmo sentido, Bloch (2001) apresenta a História como ciência capaz de estudar os homens e suas ações/conduitas no passar das épocas, levando-se em consideração a concepção dos dias atuais.

Noutro norte, Culler (1999), ao conceituar a Literatura, determina que esta registra as experiências humanas a partir de outro foco: busca provocar um entrelaço entre o leitor e o texto. Compagnon (2009, p. 46-52) complementa que o texto literário busca “auxiliar no desenvolvimento de nossa personalidade ou em nossa educação sentimental” e afirma que “[...] A literatura é um exercício de pensamento; a leitura, uma experimentação dos possíveis”, já que possibilita ao leitor inúmeros desfechos da história a partir do exercício da interpretação da escrita.

Pode-se afirmar ainda que embora a literatura seja um produto artístico, com características estéticas, está enraizada no contexto histórico:

Estudar a literatura e a história numa perspectiva interdisciplinar favorece a compreensão e a assimilação, pois somos movidos por “histórias” e, a literatura é o testemunho da sociedade, revelando as tensões e mágoas, numa perspectiva tenaz, pois expressa mais um anseio de mudança do que os mecanismos da permanência, uma vez que seu compromisso maior é com a fantasia e não com a realidade, preocupa-se com aquilo que poderia, ou deveria ser a ordem das coisas, mais do que com seu estado real (Silva et. all., 2022, p. 3).

Portanto, a tênue linha que separa as duas disciplinas deve-se à forma como se interpreta e representa uma dada época.

Pode-se dizer que o ensino de História ocorre não apenas através das aulas e livros didáticos. Para Costa (2021, p. 01) o contato com a História ocorre ao longo da vida do educando e através de diversos canais e experiências fora da escola, como por exemplo, através da internet, do cinema, da literatura, da TV, dentre outros.

Neste sentido, é fundamental discutir a necessidade de abordar o ensino de história sob uma perspectiva interdisciplinar, que dialogue com outras áreas, como artes, geografia, sociologia, filosofia, literatura, entre outras. Portanto, pode-se dizer que a interdisciplinaridade

tem a possibilidade de diversificar e melhorar o ensino de história a partir de outras abordagens metodológicas.

A utilização de materiais diversificados no ensino da História propicia uma maior exploração e visualização do conteúdo com enfoques diferentes, que vai de acordo com o objetivo desejado pelo professor. O livro didático não deve ser o único instrumento de ensino em uma sala de aula, pois isso limita a criatividade do professor e contribui com a defasagem do ensino (Silva, et all, 2022, p. 2).

O mundo de hoje possui muitas informações a todo o momento e, por este motivo, se faz necessário em meio a tantas informações uma atitude e visão multidisciplinar. Para se posicionar e criticar estas inúmeras informações, é de fundamental importância o homem situar-se no mundo, mas em um mundo completo, não fragmentado.

De acordo com Moniot (1993, p. 01), a disciplina História é ensinada por ser capaz de fornecer conhecimento crítico e referenciais para que o aluno possa compreender o mundo, suas diferenças, conflitos, avaliar as mudanças e aprenda a lidar com os acontecimentos. Nesse sentido, pode-se inferir que o objetivo principal de uma aula de História é possibilitar que os alunos compreendam, de forma crítica, o mundo.

O estudo da História passa, a todo momento, por um processo de revisão, segundo Le Goff (2003), desencadeando maior objetividade à esta ciência e tais conferências tornaram possível a aproximação desta disciplina aos demais campos do saber, contribuindo para a adoção e utilização de metodologias inovadoras e, conseqüentemente a interdisciplinaridade. Cumpre salientar que não se pode pensar em interdisciplinaridade como prática imposta, mas sim, como um processo de diálogo e ampliação de saberes que possibilitam a autorreflexão disciplinar.

Ainda segundo Le Goff (2003), todo documento histórico provém de uma determinada época e sociedade, sendo possível ao pesquisador duvidar de sua veracidade e, a partir de então, realizar a busca analítica de sua veracidade.

A ligação entre a história e a literatura se faz, muitas vezes, a partir dessa análise no intuito de investigar a veracidade dos fatos: não muito diferente da História, a Literatura, enquanto fonte histórica e arte literária, busca representar o mundo, retratando a partir de suas narrativas, as expectativas de cada época.

Para Prado (2016), a compatibilidade entre a Literatura e a História se apresentam como formas de retratar questões que anseiam os homens em cada época de sua história e completa que os autores literários pensam conjuntamente aos historiadores.

Eis a conexão: enquanto os primeiros utilizam de dados históricos para romantizar e apresentar o mundo de forma simbólica através do mito, poesia ou prosa, os segundos se

comprometem em se orientarem não só das obras literárias, mas também de outras tantas fontes que possibilitem enxergar aquilo que ainda não foi descrito. E, é exatamente em decorrência das demais investigações realizadas pelos historiadores, que a literatura se mostra como fonte de aquisição de fatos/dados à história.

2 APRESENTAÇÃO DO ROTEIRO DIDÁTICO

Na educação contemporânea perdura-se, ainda, algumas características do ensino tradicional. No ensino de História, por exemplo, decorar nomes, datas e personagens ilustres são fatores que tem contribuído para o desinteresse e desmotivação dos alunos.

As lembranças de muitos alunos da História escolar e os livros escolares produzidos no século XIX indicam o predomínio de um método de ensino voltado para a memorização. Aprender História significava saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos (Bittencourt 2005, p.67).

Percebe-se que os educandos possuem desinteresse pela leitura dos textos em livros didáticos, algo que é imprescindível para a compreensão dos conteúdos ministrados. A falta de atenção e baixa participação dos alunos nas aulas são fatores preponderantes para um baixo desempenho.

Partindo desse pressuposto, e, sabendo dos desafios da profissão docente, este trabalho tem como objetivo buscar uma forma de motivar os alunos, dinamizar as aulas, ensinar história de forma dinâmica e ao mesmo tempo aproximar os jovens dos clássicos da Literatura através da obra de Francisco Maciel Silveira, o livro *O caso de Pedro e Inês – Ines(quecível) até o fim do mundo*, em formato de cordel.

A literatura de cordel deve ser levada à sala de aula como uma ferramenta importante para o ensino de história, pois ela se transforma numa rica fonte de pesquisa, através de um vocabulário simples e com poucas páginas, relata acontecimentos de um determinado lugar em um determinado período, propiciando aos educandos uma melhor compreensão dos assuntos estudados. A história de amor entre Pedro e Inês é retratada pela literatura em diversos países há mais de 300 anos. Em 2015, Silveira publicou a mesma história, porém adaptada a uma linguagem mais fácil e com muitas ilustrações que possibilita cativar os alunos do ensino fundamental e médio.

A partir deste entendimento, apresentamos um roteiro didático (anexos I e II) que poderá ser utilizado pelo professor de História, de maneira interdisciplinar no ensino médio.

Esse roteiro didático tem como público-alvo professores de História que desejam aprimorar e aplicar novas estratégias de ensino.

O desenvolvimento prático desta proposta pode durar de 5 a 6 aulas, podendo ser reduzida ou aumentada, de acordo com cada sala de aula, levando em consideração o período de aprendizagem de cada discente.

Os conteúdos didáticos a serem desenvolvidos na disciplina de História através do roteiro são: o cenário vivenciado pelos povos no século XIV, o reinado de D. Afonso IV e D. Pedro e a trágica história de Inês de Castro.

Em Literatura será desenvolvida a leitura da obra de Maciel que será o objeto de estudo que poderá ser comparado com o clássico de Camões o qual é estudado na escola literária denominada Classicismo e com as crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina e, ainda, o desenvolvimento da oralidade e escrita, o acesso a palavras que eram usadas no período medieval que será alvo de compreensão de como a língua sofre mudanças no decorrer do tempo.

Este produto educacional tem por objetivo principal auxiliar e direcionar o professor de História do ensino médio a apoiar e maximizar o processo de ensino-aprendizagem dos educandos através de uma concepção dinâmica, elaborando de forma interdisciplinar uma atividade que engloba as disciplinas de História e Literatura.

Os objetivos específicos desta proposta para o conteúdo de História são: conhecer e assimilar a História de Portugal no período do século XIV, identificar e compreender a forma de governo da época podendo compará-la com a atual, analisar, interpretar e criticar de forma interdisciplinar a trágica história de romance entre Pedro e Inês. No tocante literário, tem-se como objetivo: ler, interpretar e descrever a história de Inês de Castro presente no cordel de Francisco Maciel, comparar e distinguir o cordel com o clássico de Camões e as Crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina.

A atividades propostas no roteiro serão divididas por aula, a primeira será a apresentação de como era Portugal no período medieval, na segunda aula, apresentação das crônicas de Fernão Lopes e Rui de Pina e do Canto III de *Os Lusíadas*, bem como, a apresentação da obra de Maciel e a sugestão da leitura em casa, na terceira, a comparação dos acontecimentos descritos no texto de Maciel com os dias atuais, na quarta aula, a descrição de como será a realização do júri, separação de grupos e funções, a penúltima, a culminância do Júri e, na última, a escrita do texto dissertativo/argumentativo sobre os motivos históricos que levaram ao assassinato de Inês.

As avaliações dos educandos devem ser realizadas de diferentes formas, como a realização de uma comparação da obra de Maciel com as crônicas, a criação de um dossiê que será material para exposição e para ser utilizado como fonte de provas no Júri Simulado, a realização do Júri Simulado com intuito de instigar os alunos à pesquisa, integrarem o conteúdo didático e fomentar o posicionamento crítico, após a culminância do trabalho, o professor pode elaborar questões acerca do conteúdo didático desenvolvido na sala de aula concretizando todo

conteúdo ministrado. Por fim, a construção de um texto dissertativo/argumentativo sobre os motivos históricos que levaram ao assassinato de Inês.

O professor pode utilizar, além dos materiais tradicionais como quadro, pincel e dicionário, novas indicação de obras, textos de apoio, exercícios e vídeos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de apresentar um roteiro didático aos professores de História do ensino médio para trabalhar sobre o contexto histórico do século XIV, o reinado de D. Afonso IV e a história trágica de Inês de Castro e D. Pedro.

Apresenta-se, nesta pesquisa, um produto educacional direcionado à disciplina de História que envolve outras áreas do conhecimento como Literatura e Língua Portuguesa de forma interdisciplinar. A ideia inicial é a apresentação de um plano de ensino com o uso do “Júri Simulado”, no qual os estudantes julgarão o assassinato de Inês de Castro. Os objetivos do roteiro didático fomentam-se na interdisciplinaridade em sala de aula, correlacionar os fatos históricos com os dias atuais, provocar nos alunos o gosto pela leitura e aprimorar em seus alunos a capacidade de argumentação.

A história de Pedro e Inês de Castro foi abordada na segunda parte deste trabalho, numa perspectiva voltada à História e Literatura. Em primeiro plano, foram demonstradas as raízes ibéricas do cordel brasileiro, quando os cordéis começaram a ser publicados. Em seguida, apresentou-se a Inês de Castro como tema histórico e literário e que, ao longo dos séculos, a história e a lenda do trágico amor de D. Pedro e Inês de Castro sempre fascinaram a imaginação popular tanto em Portugal quanto na Europa.

No último tópico da segunda parte do trabalho, Inês de Castro em cordel se fez presente em uma análise da abordagem de Maciel em comparação a outros autores. Há uma comparação entre Silveira e Camões na qual demonstrou-se que ambos os autores seguiram similares nos desfechos da história. Foi enfatizado também que Silveira apenas, deixou de citar que Inês de Castro foi madrinha do filho primogênito de D. Pedro com Constança. Portanto, pode-se afirmar que Silveira recupera a história, com uma linguagem mais atualizada, podendo despertar nos jovens o gosto pela leitura.

A terceira parte deste trabalho concentra-se na discussão do roteiro didático. Foi apresentado, no primeiro tópico, sobre a interdisciplinaridade no ensino de história, a importância de se trabalhar em sala de aula os conteúdos interligados e conexos. O segundo tópico foi apresentado sobre o roteiro didático, destacando a importância da literatura para o ensino de história, com ênfase na obra de Maciel, orientando os professores a utilizar o cordel como suporte para levar seus alunos a uma viagem no tempo, conhecendo, através da história de Pedro e Inês de Castro, um pouco mais da história de Portugal na era medieval.

Concluindo, é significativo apontar que o cordel é uma importante fonte para o estudo historiográfico porque contribui para que o aluno se envolva no processo de ensino aprendizagem e compreenda, enquanto sujeito histórico, as transformações históricas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. **Histórias de Cordéis e Folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999. (Coleção Histórias de Leitura).
- ACOPIARA, Moreira de. **Cordel em arte e versos**. Xilogravuras de Eivaldo Ferreira da Silva. São Paulo: Acatu, 2009.
- AGUIAR, João. **Inês de Portugal**. Lisboa, Portugal: Edições Asa, 1997.
- ALMEIDA, Simone Garcia; AMADOR, Kassandra Thamyris Maciel. **A interdisciplinaridade no ensino de história: relações possíveis entre a história e a literatura**. Macapá, v. 6, n. 2, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/fronteiras> Acesso em: 16 dez. 2022.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura Popular Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de Cordel**. Fundação José Augusto, 1977.
- BARROSO, Helenice. **Cordel: uma poética da oralidade e do riso**. In. Mesa Redonda - “Folhetos de Cordel, memória e percursos”, organização IELT/Memória Imaterial. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf Acesso em 14 ago. 2021.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BLOCH, M. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BRASIL. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 06 mar. 2023.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.
- _____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. v.3.
- BULE, Lara Miguel. **Os amores de Pedro e Inês**. Inspiração histórica e Naturalismo na pintura portuguesa oitocentista. **Revista de História da Sociedade e Cultura**, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, v 17, 2017, p. 253-279.
- CAMÕES, Luís Vaz de. **Os Lusíadas**. Porto: Porto Editora Ltda, 2015.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Transposição em português atual e notas por Virgílio Catarino Dias. Edição de Autor. Lisboa: Leya, 2015.
- CAMPOS, Helena Guimarães; FARIA, Ricardo de Moura. **História e Linguagens: livro do professor**. São Paulo: FTD, 2009.

- CARDOSO, C. F. S. **Uma introdução à História**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 1984.
- CHARTIER, Roger. Introdução geral. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSTA, Myrian Cristina Cardoso. **Inês de Castro em Herberto Helder e Fernão Lopes: A permanência do mito**. 2013.
- COSTA, Ronie França. **Literatura de Cordel e Ensino de História: Diálogos e Possibilidades no Ensino Fundamental**. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/61959>. Acesso em 14 ago. 2022.
- CRISTÓFANO, S. O amor trágico entre D. Pedro e Inês de Castro: o diálogo entre a literatura portuguesa e a história do povo lusitano. **Revista História e perspectivas**, v. 25, n. 46, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19463>. Acesso em 15 de maio 2022.
- CULLER, J. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais LTDA, 1999.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. Características dos ciclos temáticos. In: **Literatura popular em verso: estudos**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, tomo I, p. 224-329.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FAZENDA, Ivani. C.. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. São Paulo: Loyola, 2002.
- FERRO, Manuel. **Os Amores de Pedro e Inês na Literatura Portuguesa de Cordel do Século XX**. In: ELIAS J. Torres Feijó; Roberto Samartim; Raquel Bello Vázquez; Manuel Brito-Semedo. **Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas**. Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), 2017.
- FERNANDES, Fátima Regina. **As relações régio-nobiliárquicas na Baixa Idade Média portuguesa**. História UCA, p. 481 – 504, 2011.
- FERRARI, Nyle. **Com linguagem fácil e ilustrações, livro narra história de Pedro e Inês de Castro**. 2015. Disponível em: <http://www.usp.br/aunantigo/exibir?id=7323&ed=1274&f=3>. Acesso em: 12 de dez, 2022.
- FERREIRA, Tâmara Rodrigues. **Interdisciplinaridade: O desafio da implementação no fazer docente**. Monografia apresentada ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia – SP, 2011. Disponível em: po.ifsp.edu.br/images/phocadownload/documentos_menu_lateral_fixo/pos_graduação/especialização/formação_de_professores_ênfase_ensino_superior/produções/2011/tâmara_rodrigues_ferreira.pdf. Acesso em: 15 dez de 2022.
- FRAZÃO, Dilma. **Inês de Castro: Nobre da região de Castela**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ines_de_castro/. Acesso em: dez. de 2022.
- FREIRE, Wilson. **O cordel e suas histórias: medicina preventiva**. São Paulo: Abooks, 2002.

GONÇALVES, Adolto. **A história de Pedro e Inês em cordel por Francisco Maciel Silveira**. 2016.

HAURÉLIO, Marco. **Breve história da literatura de cordel**. 2ª ed.. São Paulo: Claridade, 2016.

LAMAS, Maria Paula. **Inês de Castro na Epopeia Camoniana**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/10.htm>. Acesso em 10 de dez. de 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

LEMOS, Mariana Souza. COSTA, Gladisson Silva da. **A importância da literatura para os alunos do ensino médio**. 2023.

LIMA, Rahissa Oliveira de; ARRUDA, Larissa de Souza. **Inês de Castro: exercício de memória e de ficção**. Revista Medievalis, v.10, n.2, p. 77-88, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows/Downloads/48915-138544-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Windows/Downloads/48915-138544-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: dez de 2022.

LOPES, Fernão. **Crônica de D. Pedro I**. Porto: Livraria Civilização, 1994.

LOPEZ DE AYALA, Pero. **Crónica del rey D. Pedro y del rey D. Henrique su Hermano hijos del rey D. Alfonso onceno**. Buenos Aires: Secrit/Incipit, 1994/1997 (v. 1 e 2).

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Das origens às revoluções liberais. Desde os tempos mais antigos até o governo do Sr. Pinheiro de Azevedo**. Manual para uso de estudantes e outros curiosos por assuntos do passado pátrio. Palas Editores. Lisboa, 7ª ed, 1977.

MINAS GERAIS, Currículo Referência de Minas Gerais. 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1AC1WQpP4HGJuiPBIA8qWvfwybE_vmona/view

MINISTÉRIO DA CULTURA - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP. **Dossiê de Registro Literatura de Cordel**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 10 de nov. de 2022.

MITTITIER, Juliana Gouvêa; LOURENÇON, Bárbara Negrini. **Interdisciplinaridade na BNCC: quais perspectivas? VI SEMATED – Semana da Matemática e Educação Tendências em Educação Matemática Araraquara – SP, 08 a 13 de maio de 2017**. Disponível em: https://arq.ifsp.edu.br/eventos/files/pdfs/SEMATED_2017_T6.pdf. Acesso em: dez de 2022.

MONIOT, Henri. **Didactique de l'Historie**. Paris: Kathan, 1983.

MOTTA, Roberto Coutinho da. **Migalhas em cordel**. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/157932/migalhas-em-cordel>. Acesso em 5 de dez de 2022.

NEVES, Francisco Paiva das. **Literatura de Cordel: Origens e Perspectivas Educacionais**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza - CE, junho, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/40537/1/2018_tcc_fpneves.pdf. Acesso em: nov. 2022.

NETO, Renato Drummond Tapioca. **Os amores de Pedro e Inês: a história da dama galega que conquistou o príncipe de Portugal – Parte I**. [S.L]: 27 mai 2021. Disponível em <http://rainhastragicas.com/2021/05/07os-amores-de-pedro-e-ines-a-historia-da-dama-galega-que-conquistou-o-principe-de-portugal>. Acesso em 5 de dezembro de 2022.

OLIVEIRA, Débora Motta de. **Jornalismo-arte na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2007.

PACHECO, R. C. dos S.; TOSTA, K. C. B. T.; FREIRE, P. de S. **Interdisciplinaridade vista como um processo complexo de construção do conhecimento**: uma análise do Programa de Pós-Graduação EGC/UFSC. *Revista Brasileira de Pós-Graduação, [S. l.]*, v. 7, n. 12, 2011. DOI: 10.21713/2358-2332.2010.v7.185. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/rbpg/article/view/185>. Acesso em: 15 maio. 2022

PEREIRA, Francisca Irineuza Alves de Lacerda. **Caminhos à aprendizagem: uso da literatura de cordel**. Monografia – Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5951>. Acesso em: nov. de 2022.

PEREIRA, Albert Fagner de Aguiar. **A literatura de cordel no ensino de história**: usos e possibilidades. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares da Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina, 2022. Disponível em: <https://bdb.bertsozale.eus/web/liburutegia/view/12365-a-literatura-de-cordel-no-ensino-de-historia-usos-e-possibilidades>. Acesso em: nov. 2022.

PEREIRA, Elen Santos. **A construção da imagem de Inês de castro em Fernão Lopes e Luís Vaz de Camões: um estudo comparativo**. Nova Iguaçu. 2011. Disponível em: <http://devrima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/532/1/PEREIRA%20Elen%20Santos%202011.pdf>.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINA, Rui de. **Chronica de El Rey Dom Afonso o Quarto**. Lisboa, 1936: Biblioteca Nacional Digital, 2009. Disponível em: purl.pt/339/5/hg-25075-p_PDF/hg-25075-p_PDF_24-C-R0150/hg-25075-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acessado em 27 set. 2021, p. 200-213.

PRADO, Patrícia Martins Alves do. **História e literatura**: um diálogo possível. *Territorial: Caderno Eletrônico de Textos*, Goiás (GO): UEG, vol. 2, n. 2, jan./jun.2016.

SALES, Mariana. **Vínculos políticos luso-castelhanos no século XIV**. In: MEGIANI, Ana Paula Torres; SAMPAIO, Jorge Pereira. *Inês de Castro: a época e a memória*. São Paulo, Falameda, 2008.

SANTOS, Ary Leonan Lima. **Utilização do cordel como ferramenta para o ensino de História: conceitos, repertórios e experiências**. 2018.

SANTOS, Gilda. Sobre a que “depois de morta foi rainha”. In: NOGUEIRA Lucila (Org). **Saudades de Inês de Castro**. Recife: Editora Bagaço, 2005. p. 13-23.

SARAIVA, António José. *História da Cultura em Portugal. História da cultura em Portugal*. Lisboa: Jornal do Foro, 1950. v. 1

SÉRGIO, Antonio. *Breve interpretação da História de Portugal*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, s/d., p. 25.

SILVA, Ágda Priscila da; CUNHA, Débora Quézia Brito da; ALVES, Ildegarde Elouise. **Ensino de História: interdisciplinaridade História com a Literatura**. Disponível em: n.anpuh.org/2016/assets/downloads/veeh/ST01/Ensino%20de%20Historia%20interdisciplinaridade%20Historia%20com%20a%20Literatura.pdf. Acesso em dez. de 2022.

SILVA, Emily Smaha da; BRAGA, Joaquim; VENTURINI, Maria Cleci. **Inês de Castro: da crônica ao mito pela poética da ausência**. Vol. 8 - ed. Especial, 2017. Disponível em:

https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/5273. Acesso em: nov. de 2022.

SILVA, José Carlos da. **A história de Pedro e Inês de Castro chega ao Cordel** - Entrevista com Professor Francisco Maciel Silveira. 26 de agosto de 2016. Disponível em: <https://pgl.gal/entrevista-com-professor-francisco-maciel-silveira/>. Acesso em 15 dez. 2022.

SILVEIRA, Francisco Maciel. **O caso de Pedro e Inês: Inês(quecível) até o fim do mundo: O ABC da Literatura**. 1ª ed. São Paulo. Editora kapulana, 2015.

SOUTO MAIOR, Mário. **Painel folclórico do nordeste**. Ed. Universitária. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1981.

SOUZA, Luana Rafaela dos Santos de. **Literatura de cordel: Um recurso pedagógico**. Revista Científica da FASETE 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/17/literatura_de_cordel.pdf Acesso em 20 de nov. de 2022.

SOUZA, Warley. "**Os Lusíadas, de Luís de Camões**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/literatura/os-lusiadas-de-luis-de-camoes.htm>. Acesso em 04 de outubro de 2023.

TORRES, Ana Paula; SAMPAIO, Jorge Pereira de (Orgs.). **Inês de Castro: a época e a memória**. São Paulo: Alameda, 2017.

XAVIER, Airton Ziegler; SOARES, Holgonsi. **Desafios da Interdisciplinaridade na Prática Educacional: Um Estudo de caso na Escola Érico Veríssimo**. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2618/airton_ziegler_xavier_tcc_2.pdf?sequence=1. Acesso em: dez. de 2022.